



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Mesa Redonda	REUNIÃO Nº: 1929/17	DATA: 06/12/2017	
LOCAL: Plenário 07 das Comissões	INÍCIO: 15h19min	TÉRMINO: 17h59min	PÁGINAS: 54

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

SUMÁRIO

Debate sobre a criação da Universidade do Esporte.

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFIAS SEM REVISÃO, APENAS PARA LEITURA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Boa tarde a todos!

Esta mesa redonda está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 191, de 2017, de minha iniciativa.

O objetivo deste evento é debater a criação da Universidade do Esporte. Desde então, agradeço a presença de todos. O objetivo desta mesa redonda é justamente nós recomeçarmos uma discussão passada. A ideia inicial do legado olímpico seria a criação da Universidade do Esporte. Nós temos grandes representantes aqui para começar a reacender esta discussão, para nós podermos nos apropriar um pouco mais e vermos que caminho nós podemos tomar referente a isso, muito baseado fruto da Universidade do Esporte que nós temos na China.

Esta Comissão já visitou a Universidade do Esporte, infelizmente eu não pude estar presente, mas o nosso Secretário Executivo Lindberg participou na comitiva da Comissão que esteve visitando lá. Eu creio que nós possamos aprofundar isso. Eu acho que será uma boa tarde de discussões referentes à Universidade do Esporte.

Para dar início ao nosso debate sobre a proposta de criação da Universidade do Esporte, lembro que esta é uma mesa redonda em que todos terão a oportunidade de falar e registrar suas opiniões. Tendo em vista a falta de espaço para todos à mesa, os convidados sentarão nas primeiras fileiras. Nós colocamos os nossos convidados nas primeiras fileiras.

Gostaria, então, de anunciar a presença dos seguintes convidados: Soraya de Carvalho, Gerente do Instituto Olímpico Brasileiro do Comitê Olímpico do Brasil (*palmas*); Cleunice Matos Rehem, Assessora Especial da Secretaria de Educação Superior — SESU, do Ministério da Educação (*palmas*); Paulo Roberto de Freitas, Bebeto de Freitas, Secretário Municipal de Esporte e Lazer de Belo Horizonte (*palmas*); Gustavo Pereira Côrtes, Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (*palmas*); Fernando Vítor Lima, Chefe do Departamento de Esportes da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, membro da pós-graduação em Ciências do Esporte e ex-Técnico Desportivo da Seleção Brasileira de Tênis de Mesa (*palmas*); Antônio Carlos Gomes, Coordenador de Ensino da Academia Brasileira de Treinadores, Instituto Olímpico — COB e Coordenador Técnico do curso de pós-graduação *lato sensu* Esporte: Detecção e



Desenvolvimento de Talentos na Infância e Adolescência (palmas); Sr. Ricardo Vidal, Diretor da Atletas pelo Brasil (palmas).

Informo também os convidados a participar desta mesa redonda, mas que não puderam comparecer, entre eles, o Sr. Paulo Márcio, Diretor da Autoridade de Governança do Legado Olímpico. Também convidamos para participar deste debate a Universidade do Esporte de Beijing, na China. Por meio de sua Diretoria de Relações Internacionais, a Sra. (*ininteligível*) justificou a impossibilidade de participar, mas deixou as portas abertas para qualquer possibilidade de intercâmbio. É muito importante, então, esta discussão para vermos se também nós achamos outro tempo oportuno para fazer talvez uma videoconferência para facilitar isso. A Universidade do Esporte de Colônia, na Alemanha, por meio de seu Diretor de Relações Internacionais Prof. Dr. (*ininteligível*), justificou a impossibilidade de participar.

Antes de passar às exposições, desejo formar as regras de condução dos trabalhos desta mesa redonda. Cada debatedor disporá de 10 minutos para suas falas iniciais e deverá limitar-se ao tema em debate, não podendo ser aparteado.

Comunico que esta mesa redonda está sendo transmitida pelo portal e-Democracia, com o *link* disponível na página da Comissão do Esporte, no portal da Câmara, possibilitando assim a participação da sociedade por meio de perguntas dirigidas a esta Comissão. Assim que chegar as perguntas do portal e-Democracia, nós também vamos repassá-las aos nossos convidados.

Para iniciar as exposições, passo a palavra à Sra. Soraya de Carvalho.

Se precisar do microfone sem fio para apresentação, pode vir à frente também.

A SRA. SORAYA IIDA DE CARVALHO - Boa tarde a todos! Boa tarde ao Deputado João Derly, ao Secretário Lindberg, aos membros da mesa redonda e aos demais convidados.

Antes de iniciar, eu queria falar um pouco da minha satisfação pessoal por estar hoje aqui dialogando sobre um assunto tão vital para o esporte, que é a questão da educação, dentro desta Casa tão importante, a Câmara dos Deputados. Isso me faz ter uma satisfação muito grande, porque, como atleta olímpica, como treinadora, trabalhando já há mais de 10 anos na área de gestão do esporte,



entendo a importância de ter recursos humanos bem capacitados para o esporte de alto rendimento.

A minha proposta hoje aqui é apresentar um trabalho que o Comitê Olímpico do Brasil vem desenvolvendo já há 9 anos. Eu preparei uma breve apresentação. Também trouxe um material impresso que eu vou deixar com quem tiver interesse, mas estarei à disposição para se precisar de mais detalhes de cada um desses projetos.

O Instituto Olímpico Brasileiro veio do entendimento bastante antigo que, se nós queremos uma mudança importante dentro do esporte e que essa mudança seja de longo prazo, nós precisamos investir em educação. Foi por isso que essa área de educação foi criada.

Quando um atleta medalhista olímpico corre, nós sabemos que ele não está sozinho. Atrás desse atleta olímpico, nós precisamos de uma série de fatores como suporte financeiro, governança e políticas para o esporte, um grande volume de participantes, laboratório, suporte ao atleta, ao treinador, um número de competições nacionais e internacionais. Então, todas essas estruturas têm uma coisa em comum: elas são geridas por pessoas. Elas podem ser bem ou mal geridas.

Então foi por isso que, em 2009, o COB criou o Instituto Olímpico Brasileiro com esse intuito de formar profissionais capacitados para o esporte olímpico, profissionais de excelência que pudessem mudar o esporte brasileiro.

O Instituto Olímpico Brasileiro hoje conta com uma rede de parcerias nacional e internacional, o que nos dá mais oportunidades para os profissionais que passam por aqui. Então, nós temos uma parceria com o Comitê Olímpico Internacional que certifica os nossos conteúdos, disponibiliza conteúdos, financia uma série de projetos. Temos parcerias com vários centros de treinamento no mundo que possibilita intercâmbios, estágios, transferência de conhecimento, intercâmbios de cursos que nós sempre oferecemos. Então, nós temos uma gama de parceiros, o que beneficia ainda mais esses profissionais que passam pelo IOB.

Hoje o Instituto está formatado basicamente em três pilares: um pilar do atleta, um do treinador e um do gestor.

Eu vou passar um vídeo agora que vai dar uma ilustração do que nós vimos desenvolvendo nessas três áreas.



(Exibição de vídeo.)

A SRA. SORAYA IIDA DE CARVALHO - Eu vou explicar um pouquinho de cada um desses programas. Com relação ao Programa de Carreira do Atleta a ideia não é ser um programa técnico. Na verdade, ele cuida de formação global desse atleta. Então, esse programa ajuda os atletas a se prepararem para responder essas questões: como lidar com a mídia e com as redes sociais, que pode ser um elemento positivo ou negativo, da forma que ele encarar isso; como lidar com os patrocinadores, que são agentes importantes, pois os financiam, mas eu preciso balancear as minhas competições, o meu foco na competição, e as demandas desse patrocinador; como gerenciar o meu dinheiro, minha carreira, minha saúde e o pós-carreira.

Então, esse programa está formatado em três núcleos: jovens talentosos; alto rendimento e transição de carreira. Cada um desses núcleos tem uma proposta diferente, só que cada um desses núcleos trabalha com alguns tipos de serviços. Então, nós oferecemos a esses atletas serviços como apoio pedagógico, como conciliar treinos, competições e os estudos.

Então, nós fornecemos bolsa de estudos de graduação, de pós-graduação, de cursos de idioma, para preparar esse atleta; apoio psicológico; colocação profissional; essa orientação à saúde, como cuidar da minha ferramenta de trabalho, como dormir, como cuidar de lesões e preveni-las, como me alimentar bem; orientação às famílias; e *coaching*.

Esses são alguns atletas atendidos. Nós já atendemos cerca de 70 atletas no processo de transição de carreira.

Seguindo para a Academia Brasileira de Treinadores, há um programa robusto do Comitê. E por que uma Academia de Treinadores? Hoje nós temos uma lacuna na formação de treinadores de alto rendimento específico, em uma formação aprofundada em várias modalidades. Foi por isso que, em 2012, nós criamos a Academia Brasileira de Treinadores com o objetivo de formar futuros bernardinhos.

O objetivo da ABT é formar treinadores de alto rendimento, futuros bernardinhos. Então, dentro da ABT nós formamos três tipos, em três níveis de treinadores: o treinador de desenvolvimento, que é aquele treinador que trabalha com identificação e desenvolvimento de talentos, aquele treinador da base. Temos



um curso também de treinador de aperfeiçoamento, aquele treinador das categorias adultas, que tem o foco na *performance* máxima, em máximo de resultados. Esses dois primeiros cursos são uma formação bastante aprofundada, com 740 horas. E há uma terceira área, Treinador de Excelência, que são aqueles treinadores que têm alto potencial de medalhar naquele ciclo olímpico.

Então, o programa de capacitação é todo personalizado. Se aquele treinador da modalidade A está com uma deficiência específica em uma dada qualidade, nós vamos fazer um programa específico para ele e o enviamos para estágio com outros treinadores que são especialistas no mundo naquela modalidade.

Paralelo a isso, nós temos um curso de Gestão para Treinadores, porque sabemos que treinador não precisa somente de disciplinas como fisiologia, biomecânica, nutrição, mas ele também precisa saber de gestão de pessoas, liderança, gestão de conflitos, ética, gestão de projetos. Ele precisa entender como é o movimento esportivo, como o esporte é financiado, porque hoje o treinador precisa de conhecimentos mais amplos também, pois ele gerencia uma equipe multidisciplinar, ele lidera pessoas.

Aqui há alguns dos nossos treinadores. Nós já formamos quase 300 treinadores dentro desse processo e 66 desses treinadores estiveram nessa última missão dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

E, por último, para finalizar, se temos uma expectativa de formar futuros Bernardinhos, uma das nossas preocupações é o corpo docente, os professores desses treinadores. Trata-se de uma preocupação alta, de um investimento que fazemos.

Dois números que nos chamam atenção são o que está em azul: 57% do nosso corpo docente são compostos por doutores e pós-doutores e não só por pessoas exclusivamente da academia. São doutores que têm uma aplicação prática, que têm uma atuação prática no seu dia a dia. E o outro dado, que está em amarelo: 28% são treinadores de fora. Neste último ciclo, nós trouxemos 62 treinadores estrangeiros, que juntos detêm 72 medalhas olímpicas. Então, trouxemos os melhores treinadores de fora, em cada uma dessas modalidades, para capacitar os nossos treinadores. A ideia é que seja uma coisa bem prática, bem especializada para, de fato, colhermos os resultados deste investimento.



Nós temos outros diferenciais da academia, mas essa apresentação estará disponível para os senhores.

E, por último, o programa de gestores, este é um ponto importante. Nós precisamos de mais gestores para gerenciar o esporte olímpico. Toda a base desse curso é destinada a profissionais de nível executivo. Nós queremos um gerenciamento mais eficiente das nossas organizações esportivas, confederações, secretarias, clubes. Toda a nossa formação de gestores está organizada em quatro cursos. Não vou explicar cada um deles porque os senhores vão ter acesso à descrição de cada um desses cursos, mas informo que são cursos básicos a avançados, cursos de 40 horas a 360 horas, sempre baseados em situações-problema. Verificamos quais são os problemas que as nossas instituições estão vivendo e como vamos resolvê-los. Então, todos os projetos de conclusão de curso são soluções de problemas reais existentes dentro dessas organizações.

Aqui há alguns resultados. Nos dois últimos ciclos olímpicos, nós formamos cerca de 2.300 profissionais e geramos mais de 8 mil horas de capacitação.

Este é o público atendido hoje pelo Instituto Olímpico Brasileiro — IOB. O nosso foco principal é confederação, mas nós atendemos também um outro grupo, que são clubes, academias, onde, de fato, estão os nossos treinadores. Todos os profissionais que passam pelo Instituto hoje são alunos bolsistas. Eles passam por um processo seletivo nacional, aberto, há um edital e essa pessoa precisa passar por uma prova e compor todos os requisitos. Assim ele está apto para entrar nesses cursos. Sempre há uma contrapartida: essa pessoa que se capacita, que dá um retorno para o esporte, vira uma célula multiplicadora dentro da instituição dele.

Este é o último resultado nosso: 79% das medalhas conquistadas pelo Brasil, nos últimos jogos olímpicos, vieram das confederações que mais receberam capacitação do IOB.

E esta é a nossa última mensagem: uma nação olímpica se materializa por medalhas, mas conquistar medalhas depende fundamentalmente de pessoas.

Eu queria falar um pouco sobre essa iniciativa da Universidade do Esporte. Acho que é uma iniciativa excelente, vital e necessária para o esporte. Eu acredito, o COB acredita que a união de esforços é o caminho que queremos e imaginamos que seja muito positivo de seguir, não partindo de um zero, mas partindo de um



caminho que já foi percorrido. Nós já escorregamos em várias bananas, nós vimos amadurecendo, vimos aperfeiçoando esses processos de capacitação e nós estamos colhendo alguns frutos.

Então, o Comitê Olímpico do Brasil — COB está à disposição para conversar, para apoiar e para unir esforços.

Obrigada! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sra. Soraya!

Eu acho que está havendo votação nominal. Alguém pode verificar se estão em votação nominal? Senão, eu suspenso aqui, corro lá, voto e...

Bom, vamos fazer assim: já vou chamar a Sra. Cleunice Matos para fazer uso da palavra, V.Sa. falará daí mesmo, está bem?

Se houver qualquer coisa, terei que correr ao plenário para votar e depois eu volto para continuar acompanhando.

A SRA. CLEUNICE MATOS REHEM - Boa tarde a todos e a todas!

É uma satisfação muito grande estarmos aqui para, sobretudo, ouvirmos as discussões relacionadas com a proposição da criação desta Universidade do Esporte.

O Ministério da Educação quer parabenizar a apresentação da Sra. Soraya Carvalho, que mostrou todo o conjunto de atividades, o desenvolvimento e os resultados já alcançados por este Instituto.

Nós, pelo Ministério da Educação, comungamos com o interesse público em investir em formação e educação para o esporte, no sentido de impulsionar este segmento, que é tão importante para o desenvolvimento do nosso País e de tanto interesse para a nossa população.

O foco da política do Ministério da Educação para a educação superior é ampliar os recursos técnicos, tecnológicos, de pessoal, de materiais e financeiros a fim de garantir a oferta da educação superior de qualidade crescente, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Esse tem sido o foco e todo o desenvolvimento, todo o interesse do Ministro da Educação, da Secretaria Executiva do Ministério, da Secretaria de Educação Superior, pelo nosso Secretário Prof. Paulo Barone.

Hoje o Ministério detém 63 universidades públicas federais. Eu gostaria de trazer este dado aqui para que todos pudessem refletir sobre isso. Essas 63



universidades federais estão em todos os Estados da Federação e, conforme os dados do censo de 2016, elas reúnem 1 milhão, 33 mil e 50 alunos, 84 mil professores, 48 mil técnicos administrativos e cerca de 6 mil cursos em oferta.

No Estado do Rio de Janeiro — esta também é uma reflexão para nós —, há quatro universidades públicas federais: a UFRJ — Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UNIRIO — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UFF — Universidade Federal Fluminense e a UFRRJ — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sendo que a Universidade Federal do Rio de Janeiro possui, em sua estrutura, a EEFD — Escola de Educação Física e Desportos, na cidade do Rio de Janeiro.

Esta Escola de Educação Física e Desporto, num *ranking* mundial de pesquisa em ciências do esporte, ocupa a 51ª posição no mundo em termos de qualidade, pesquisa e ciências do esporte. Ela é a segunda do País. A primeira é a USP — Universidade de São Paulo, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro é a segunda... Não sei como estaria...

(Não identificado) - A primeira é a UFMG — Universidade Federal de Minas Gerais, a segunda é a UFRJ.

A SRA. CLEUNICE MATOS REHEM - É a UFRJ? Eu acessei o *site* hoje. Pelos dados de 2016, pelo *ranking*, a UFRJ é a 51ª no mundo, é a segunda do País; a primeira é a USP, a terceira é a UFRGS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a quarta é a UCB — Universidade Católica de Brasília e a quinta é a UFPR — Universidade Federal do Paraná. Não entendi por que... (*Riso.*) Este é o dado que eu acessei hoje, mas é lógico que é possível fazermos uma verificação.

Isso é apenas para demonstrar que, no Rio de Janeiro, pela universidade pública federal, existe uma escola com um trabalho muito bom, inclusive ranqueada, com um bom nível no ranqueamento mundial.

O Ministério da Educação tem demonstrado, de todas as maneiras e por suas políticas, o seu interesse em reforçar cada vez mais a formação, a educação para o esporte. Daqui a pouco, o nosso Deputado vai chamar a apresentação de uma importante e muito qualificada escola voltada para a educação física para o esporte, que está na nossa Universidade Federal de Minas Gerais — nosso diretor vai fazer a apresentação daqui a pouco —, sem contar a quantidade, centenas de cursos



voltados para esta área por todas as outras 63 universidades, 62 outras, contando com a de Minas Gerais.

Nesse sentido, o Ministério quer participar dessas discussões entende que basta fazer uma proposição como essa para intensificar o interesse nessa discussão, o interesse na formação cada vez maior para o esporte. O Ministério quer aprofundar estudos, entender melhor, fazer estudos relacionados com viabilidade, porque a infraestrutura, logicamente, é apenas um dos componentes para a constituição de uma instituição como essa.

Como estamos, no País, todos envolvidos com o equilíbrio fiscal, com o equilíbrio das nossas contas, todos estamos contribuindo para que isso, de fato, seja equacionado. Temos que pensar que criar uma universidade, obviamente, requer outros componentes que não apenas a infraestrutura, como oferecido a partir do conhecimento do requerimento do nosso ilustre Deputado. Uma universidade requer que se considerem outros componentes para a sua constituição e o seu perfeito funcionamento, como os componentes de pessoal, de material, de infraestrutura outra que não só aquela disponibilizada, de governança, de tecnologias, de segurança e de recursos orçamentários relacionados com capital e custeio, ano a ano.

Então, diante disso, o Ministério quer participar dessas discussões e está aqui muito para ouvir e, então, processar para vermos como faremos um estudo mais aprofundado de viabilidade desta proposição do nobre Deputado.

É isso, por enquanto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Muito obrigado, Sra. Cleunice.

Eu vou suspender a reunião só para dar tempo de acompanhar e votar no plenário. Eu prometo que vou correndo. O Bebeto está dizendo aqui que eu vou rolando, na verdade. *(Risos.)*

Cumprimento o Sr. Lúcio Rogério, que está aqui representando o CONFEF, em nome do Dr. Jorge Steinhilber. Peço que depois, ao final, dê uma palavra também.

Então, suspendo rapidamente e volto em seguida.

(A reunião é suspensa.)



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Então passo a palavra ao próximo convidado, o Sr. Paulo Roberto de Freitas, o Bebeto de Freitas.

O SR. PAULO ROBERTO DE FREITAS - Boa tarde a todos que estão aqui presentes.

Boa tarde, nosso Deputado campeão, campeão Deputado, que, mais uma vez, demonstrou que está em forma, porque foi lá tão rápido. Esperávamos mais tempo!

Ao Sr. Lindemberg gostaria de agradecer pelo convite.

Primeiro, acima de tudo, eu quero dizer que eu sou, enfim, o maior incentivador e motivador da Universidade do Esporte. O Brasil tem condições, sim, de desenvolver mais ainda o seu esporte. Quero que tentem entender que a minha intervenção aqui não é que não tenha a ver com a Universidade, muito pelo contrário, tem tudo a ver com a Universidade do Esporte, mas há certas questões básicas do esporte que estão ligadas ao desenvolvimento da massa para se conseguir a qualidade.

Eu acho que o grande entrave do esporte brasileiro é que nós temos já, há algum tempo, professores, técnicos, fisioterapeutas, gestores, profissionais de todas as áreas do esporte de alto rendimento de excepcional nível. Somos exportadores de técnicos e gestores esportivos há décadas. Mas o nosso entrave é que todo o nosso foco é em cima da elite do esporte brasileiro desde muito cedo.

Eu diria que o nosso modo de ver o esporte foi todo baseado e até hoje é baseado no que fez Cuba com o esporte, um país pequeno, de 7 milhões de habitantes. Desde muito cedo, através de exames, de testes sem sofisticação alguma, procurava identificar talentos no esporte e desenvolver talentos, seguindo esse esporte.

Eu gostaria de ver o Brasil, além do desenvolvimento de uma escola brasileira de alto rendimento, porque eu acho esse também um ponto importante... Eu estava conversando com o Lindemberg mais cedo, eu acho que aqui todos já ouviram falar no Antônio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, que foi uma pessoa de tremenda importância no voleibol do Brasil, foi quem realmente deu o pontapé inicial para o desenvolvimento do voleibol do Brasil, e ele, lá nos anos 80, me disse duas frases que são fundamentais, que foram fundamentais na minha carreira: “*Você não*



consegue crescer sem adversário (falha na gravação) e no mundo moderno nada se cria, tudo se copia e se adapta”.

Aqui, nós temos uma lacuna gigantesca, e não é no alto rendimento. Os nossos treinadores, os nossos cursos, os nossos professores, os nossos pesquisadores e técnicos, comparados aos melhores do mundo, sinceramente, com a experiência e com a convivência que eu tenho fora do Brasil — passei 16 anos da minha carreira fora do Brasil —, eu não vejo nenhum *gap*. Talvez em tecnologia, porque a indústria tecnológica tem um desenvolvimento muito rápido, talvez não acompanhemos 100%, mas nada que nos impeça de estarmos atrás do alto rendimento. E eu gostaria de ver, ainda em vida, essa preocupação com a massificação do trabalho. Primeiro, porque o Tratado de Tordesilhas do esporte não é Norte Sul, é Leste Oeste. O Brasil é dividido de uma forma que quase 60% do seu território não têm um desenvolvimento esportivo.

Então, quando se fala numa universidade do esporte, eu acho que a primeira questão tem que ser de tal forma espalhada por este continente, porque o Brasil não é um país, é um continente, que possa permitir que desenvolvamos o esporte em todo o Brasil, em todos os rincões, enfim, em cada pedaço da Amazônia. Quem sabe se de lá nós não tiramos um novo Isaquias, porque lá eles andam de barco para cima e para baixo. Enfim, eu acho que essa é uma preocupação que poderia ser pauta dessa universidade. Sinceramente, eu vejo dessa forma.

Nós, que estamos no esporte há muito tempo — e, no caso do meu esporte, especificamente —, percebemos que há inúmeros campeões olímpicos que vieram do Nordeste, mas não jogaram por lá. Muitos jovens vieram para baixo, vieram para o Sul, e aqui chegaram e foram campeões olímpicos de vôlei; eu acho que com a Maureen é a mesma coisa, com a Soraya é mesma coisa.

É isto o que nos falta, falta-nos a quantidade, com qualidade. E essa universidade, no conceito geral da sua formação, teria que pensar de uma forma muito intensa no desenvolvimento da iniciação.

Eu tenho um colega muito amigo, da Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, com quem eu já trabalho há muito tempo, o Luciano, que é um doutor em fisiologia pediátrica. Achamos que é muita teoria, etc., mas o trabalho que ele fez, quando trabalhamos juntos em Belo Horizonte, realmente é uma coisa de que até



hoje as pessoas sentem falta. Esse desenvolvimento, não do destaque, não daquele de selecionar o talento, mas o desenvolvimento médio é o que vai determinar a quantidade de talentos que nós vamos ter.

Então, um jovem, eu vi isso inúmeras vezes na minha carreira, que era craque aos 15 anos, não chegou a jogar aos 18 anos. Erro de quem? Do treinador? Não sei. Essa, sim, é a grande lacuna que nós temos, da mesma forma que aquele que não jogava com 18 anos, que nem entrava, com 21 era o melhor jogador. Então, existe uma diferença bem grande.

Nós custamos a saber lidar com os nossos gigantes, no voleibol, principalmente. Nós não tínhamos condições ainda técnicas de desenvolver os atletas acima de 2 metros, nós tínhamos dificuldade nisso e fomos estudar a respeito para ter essa possibilidade — hoje, nas seleções brasileiras de vôlei masculino, 2 metros e 12 centímetros é o mais baixo.

Essa quantidade tem que ser desenvolvida com qualidade. Eu acho que o conceito dessa universidade deveria ser com a formação. A apresentação da Soraya, sem querer tirar nem por, porque, obviamente, estamos falando de alto rendimento, é sobre trabalhar a elite, é trabalhar aqueles que já estão em algum lugar. E a nossa grande dificuldade é trabalhar aqueles que ainda não conseguiram chegar. E no Brasil, este país continente, nós temos um acreano campeão olímpico de voleibol. Enfim, mas ele não jogou lá, não jogou onde nasceu. Ele cresceu no voleibol no Ceará e depois veio para o Sul para ser campeão olímpico. Então, é essa a minha preocupação. Eu não estou aqui querendo tirar nada, muito pelo contrário, eu quero acrescentar, mas eu gostaria de ver essa universidade preocupada com a formação.

Uma coisa que eu aprendi fora do Brasil é que a atividade física precede o esporte. Nós não teremos o esporte, se nós não tivermos a atividade física. Estamos num país em que a atividade física não é obrigatória nas escolas. São situações contraditórias. Um é o trabalho que o Comitê Olímpico do Brasil — COB faz, e que a Soraya apresentou, e não temos como recriminar ou dizer alguma coisa ao contrário. Mas nós não temos atividade física onde está a massa, não é obrigatório. Então, eu acho que o pensamento dessa universidade tem que ser num todo. Nós não podemos pensar só na cobertura bonita, no tríplice com piscina. Nós temos que



pensar em baixo, nós temos que desenvolver em baixo. E num País como o nosso, de 220 milhões de habitantes, na hora que pensar em baixo, nós vamos encontrar atletas no Brasil todo. O Isaías saiu de uma cidade do interior da Bahia para ser campeão olímpico. Os irmãos Esquivá, da mesma forma, saíram da Bahia. Ninguém nunca tinha ouvido falar, e ganharam medalhas.

Então, é isso. A minha intervenção eu não quero que ninguém entenda ou interprete de forma diferente. Eu sou muito crítico ao esporte do Brasil, e agora não faço uma crítica. Na realidade, isso é uma coisa que a gente deveria pensar com um pouco mais de carinho. Falta-nos quantidade e melhorar a quantidade. Essa eu acho que é a grande lacuna do esporte do Brasil em comparação com qualquer outro país mais avançado do mundo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Bebeto.

Passo a palavra ao Gustavo Pereira Côrtes.

O SR. GUSTAVO PEREIRA CÔRTEZ - Boa tarde a todos. Eu gostaria de agradecer ao Deputado João Derly, ao Secretário-Executivo Lindemberg. Cumprimento todos os presentes. Eu sou da UFMG, eu sou o Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. E eu vim com o objetivo de discutir um dos legados olímpicos que nós tivemos em nossa cidade, que é o Centro de Treinamento Esportivo, o qual quero mostrar para vocês.

E eu concordo plenamente com o Bebeto. Acho que nós temos aí o processo de formação, como a Soraya bem colocou, que é extremamente importante, e também a relação da detecção de talentos, que os nossos colegas colocarão, mas também o processo de formação. E, aí, a presença do Ministério da Educação é extremamente importante.

Nós temos hoje na UFMG, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, uma parceria com o Ministério dos Esportes em duas grandes vertentes. A primeira deles é o Centro de Treinamento Esportivo, que foi criado como um legado olímpico, e o que estamos fazendo hoje para que ele se torne não só apenas uma estrutura que foi feita com muita qualidade, mas também como um local que vá contribuir para a melhoria dos resultados do esporte de alto rendimento, de Minas Gerais e do Brasil, e promover a excelência no desenvolvimento integrado



das ações que são feitas na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, através das pesquisas — Fernando Vítor daqui a pouco vai falar um pouco sobre isso. E temos como visão ser um centro de treinamento esportivo reconhecido internacionalmente.

Falando um pouquinho rapidamente da nossa história, em 2012 ocorreu a inauguração da pista de atletismo, uma das melhores pistas da América do Sul. Em 2015, tivemos a inauguração do parque aquático. E, aí, o grande primeiro evento que aconteceu foi o Super Meeting de Atletismo. E, aí, houve uma parceria importante, que o Beбето deve lembrar. O Luciano Sales, que você citou, é o atual Diretor do Centro de Treinamento Esportivo. Eu sou o Superintendente-Geral, porque nós temos uma administração conjunta com o Estado e com a cidade. Mas o Prof. Luciano é o pesquisador responsável.

Nesse Super Meeting de Atletismo, em 2016, nós fizemos parcerias com as escolas públicas de Belo Horizonte. Nós tivemos mais de mil crianças e adolescentes participando, o que já é um incentivo para massificar esse trabalho, um trabalho que foi feito com muita excelência.

E, para deixar claro, o papel da universidade hoje — eu vou mostrar para vocês um gráfico — é o de manter alguns dos profissionais, mas é através do Ministério dos Esportes, através do trabalho que é feito em parceria com o Ministério dos Esportes, que a gente consegue manter alguns projetos que eu vou citar. Então, em 2016, nós tivemos a presença da equipe olímpica do Reino Unido, que ficou na preparação para os jogos olímpicos. Em agosto, nós tivemos a equipe paraolímpica, que também se utilizou desses espaços. Em março de 2017, em uma das pesquisas que eu mostrei para a Prof.^a Cleonice, a UFMG ficou entre as 50 melhores do mundo, num espaço relacionado à relação do esporte como produção científica, como produção acadêmica. Agora, em março de 2017, tivemos a temporada da preparação da equipe polonesa, levando em consideração um dos professores da nossa escola, que é o Leszek Szmuchrowski.

E, sobre o projeto de desenvolvimento de esporte, agora foi assinado um novo convênio junto com o Ministério dos Esportes. Aqui estão algumas reportagens que saíram na imprensa, em Minas Gerais, na Inglaterra, falando da excelência do trabalho que foi feito no Centro de Treinamento Esportivo. E foi extremamente



importante a presença da seleção inglesa no local, porque nos trouxe não só a estrutura, eles auxiliaram demais nisso, mas também uma competência técnica administrativa e de gestão.

Então, para quem não conhece, nós temos uma piscina que tem uma borda livre, então é uma piscina livre de ondas, sendo considerada hoje uma das melhores piscinas na América Latina. E uma pista de atletismo de excelente qualidade. Foram extremamente elogiados por todos os profissionais que passaram por lá.

Esta é a primeira etapa de um grande projeto que seria realizado e que ainda necessita de mais implementação de recursos.

Quanto à estrutura do CTE, estão contemplados sala de fisioterapia, hidroterapia, treinamentos de força. Enfim, toda uma grande estrutura existe para realização de seminários, palestras, de todo o processo que é organizado com atividade de formação. Então, o CTE, para a gente entender, está vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, como órgão complementar. Tem o seu conselho administrativo, a direção, gerentes. E os projetos que estão ali em verde são organizados junto ao Ministério dos Esportes. E queremos implementar também parcerias com o Ministério da Educação.

Aqui está a equipe que hoje desenvolve: o Prof. Luciano Sales Prado é o atual Diretor. Temos a coordenação. Todos são doutores, professores extremamente gabaritados para organizar todas essas estruturas: o Prof. Cristiano, do tae-kwon-do; o Prof. André, do judô; e o Prof. Leszek, do atletismo. E o Prof. Luciano é um ex-atleta da natação. Toda a equipe é sustentada pelo Projeto de Desenvolvimento do Esporte, com recursos do Ministério dos Esportes.

Então, quais são as principais características? Esse legado olímpico de 2016 para cá atualmente atende 480 atletas de sete modalidades. São feitas anualmente 7 mil avaliações para detecção de talentos. Atende atletas bolsistas do Governo Federal, do Estado de Minas Gerais, e, aproximadamente, 150 atletas universitários vinculados às associações atléticas e às equipes da UFMG.

É importante ressaltar, e eu concordo com o Bebeto, que a gente tem tido muito essa possibilidade de detectar esses atletas, esses potenciais atletas olímpicos, mas a gente tem perdido muito pela falta, muitas vezes, de estrutura



financeira, para poder manter esses atletas que precisam muitas vezes fazer outras atividades.

Nós atendemos atletas de alto rendimento, atletas em formação, atletas paraolímpicos — ali, a Joanna Maranhão. Acolhemos estagiários e bolsistas. Como temos a Escola de Educação Física, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Medicina, Nutrição, todos esses cursos envolvidos dentro da Universidade Federal, nós organizamos projetos em parceria com todas essas graduações e pós-graduações.

Lembro que nossa escola hoje tem três cursos de excelência em pós-graduação: Ciências da Reabilitação; Ciências do Esporte e Estudos em Lazer.

Na tela, podem-se ver as modalidades que temos hoje implementadas dentro das nossas possibilidades, pois temos a pista de atletismo e a piscina. Então, o taekwon-do é feito num espaço ainda provisório, mas de excelente qualidade. Eu tenho um dado aqui que é bem interessante, da quantidade de medalhas que nós já atingimos nesse 1 ano, que é uma das características importantes desse projeto.

Esse projeto já em tão pouco tempo apresenta resultados como 264 medalhas de ouro em competições estaduais, 47 em nacionais e 12 em competições internacionais, nessas modalidades aí apresentadas.

Nós temos uma parceria, uma equipe multidisciplinar, nós temos médicos que trabalham no CTE, nutricionistas, fisiologistas do exercício, fisioterapeutas, psicólogos, especialmente psicólogos do esporte, e a biomecânica, e todos em relação com o curso de educação física. Então, nós temos em mente que o trabalho do CTE, juntamente com a Escola de Educação Física, é um trabalho que promove uma interdisciplinaridade.

Ontem mesmo eu tive uma reunião lá no CTE, porque nós estamos passando por um projeto de automação. E foi muito interessante que o engenheiro responsável disse que isso não existia no Brasil. Então, a gente vai tornar o espaço todo automatizado, com uma produção técnica e uma gestão de engenharia extremamente competente. Há trabalhos na linha de gestão e na área de comunicação.

Então, nós temos aí alguns destaques que foram jovens que começaram a trabalhar e a fazer os seus trabalhos lá no CTE. Todos muito jovens, que é uma das características do nosso projeto, porque são jovens que futuramente poderão se



tornar grandes medalhistas olímpicos, como a Isis, a Bárbara, a Clara, o Marcel, a Taís e o André Fernandes, que é um dos nossos professores, e, atualmente, vai trabalhar com a seleção brasileira sub-18 no judô.

Mais alguns, a equipe de tae-kwon-do ganhou dois ouros, uma prata e quatro bronzes na Copa do Brasil. A Joanna Maranhão estabeleceu um novo recorde sul-americano recentemente, tem feito os treinamentos lá. Aí está a equipe de atletismo, enfim.

Agora, umas perspectivas futuras que a gente tem: ampliação do projeto de desenvolvimento do esporte, que tem apenas 2 anos, acabamos de firmar uma nova parceria com o Ministério dos Esportes; a consolidação e a manutenção da infraestrutura, que é feita pela Universidade Federal. E é muito importante ressaltar esse trabalho da UFMG nessa consolidação, porque não é fácil se manter uma estrutura como essa, haja visto o que tem acontecido em outros lugares. E é uma estrutura extremamente viva, com a participação intensa, ou seja, demonstrando a importância desse legado olímpico.

Aqui, vê-se o início das obras do ginásio, as outras etapas, a 3 e a 4, do projeto de complexo, que é o que a gente espera futuramente.

Aí está o meu contato.

Eu só queria mostrar o site, que é outra proposta que a Escola de Educação Física apresenta, que é uma educação à distância, no Projeto Esporte e Lazer da Cidade — Vida Saudável. Porque, no objetivo dessa nossa reunião de hoje, fala-se também desses projetos em prol do esporte de formação. Então, educação à distância, EaD (*Ininteligível.*), é um projeto. Aí, estão os cursos que são oferecidos: Esporte, Lazer e Juventude; Diagnósticos da Realidade; Avaliação dos Esportes; Elaboração de Projetos de Esporte; Esporte, Lazer e Adultos; Esporte e Lazer para Pessoas com Deficiência.

Todos esses trabalhos estão disponíveis nessa página e são atualmente feitos para incentivar os formadores nesses núcleos que existem no Brasil inteiro. E acabamos de firmar uma parceria com o Estado do Rio de Janeiro com a implantação de 60 núcleos lá que vão fazer os cursos de formação, todos envolvidos na formação da pessoa que vá atuar nesses espaços. Então, é um processo de formação que eu acho que une um pouco o que o Bebeto e a Soraya falaram.



Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sr. Gustavo.

Passo a palavra ao Sr. Antonio Carlos Gomes.

O SR. ANTONIO CARLOS GOMES - Boa tarde. Eu não vou me estender muito. Quero agradecer o convite. É sempre bacana a gente vir participar de uma discussão quando o tema é o esporte. Eu sempre costumo dizer que o esporte talvez seja um dos poucos temas na sociedade que a gente consegue discutir no bar, na família, na igreja, no centro acadêmico, qualquer lugar. Você coloca o nível que quiser e discute esporte.

Mas a nossa experiência começou como atleta, primeiro. Comecei lá, como todo menino, sonhando com o esporte, com medalha, com essas coisas todas. No fim, o esporte acaba cumprindo muito mais do que só a medalha. Mas me formei também em educação física, virei professor de universidade, pesquisador, treinador. E, a vida toda, estive envolvido com esporte de alto rendimento.

E chegou um momento lá atrás que me chamou atenção quando eu recebi o convite, Lindemberg, em que nós resolvemos estudar esporte. E, por direcionamento da vida, nós caímos num País que gosta muito de esporte. Eu morei 12 anos na Ex-União Soviética. Então, toda a minha formação acadêmica de mestrado, doutorado, pós-doutorado e essas coisas, foi na Ex-União Soviética, dentro de uma universidade do esporte, que, em 1996, quando eu terminei, ela já tinha 82 anos de vida e era uma universidade que estudava esporte, que tinha e ainda tem o conceito de esporte na sociedade.

Eu lembro bem quando fui para aquela universidade. Eu já era professor da Universidade Estadual de Londrina e tinha participado do primeiro currículo de bacharel em Esporte numa universidade. Nós montamos, naquele momento, a construção de um curso de bacharel em Esporte. Se não me falha a memória, lembro-me do pessoal da UFMG, da USP, da UEL e de Campinas, que se meteu nessa ideia.

Foi bacana. Começou o curso e algumas turmas se formaram. Mas depois a universidade se deparou com um problema sério, porque ela tinha um curso de Esporte, estudava, mas não tinha contato com o esporte. Essa é a verdade. Ela



tinha contato com o esporte popular, recreacionista, mas não conseguia chegar ao esporte de rendimento nem de alto rendimento.

Conseqüentemente, os pesquisadores desistem dessa história porque não conseguem gerar pesquisa nem conhecimento. Esses cursos acabaram sendo discutidos, julgados até pelo próprio Conselho de Educação Física e se dissolveram, voltando a essa discussão novamente.

Eu lembro bem que, quando voltei, sonhava um dia ver o foco no esporte, ou seja, trabalhar em algum lugar onde pudéssemos gerar conhecimento no esporte. Eu não falo só do esporte para ganhar medalha de ouro, mas para gerar cultura esportiva e conceito de esporte.

Mas não se consegue gerar conceito de esporte na sociedade se um grupo de pessoas estudando esportes não se reunir com praticantes de esportes em um ambiente esportivo.

Então, a iniciativa de se criar uma Universidade do Esporte é extraordinária, pela minha formação, desde que entendamos qual é o conceito de esporte na sociedade.

O nosso conceito de esporte é o latino-americano. Quando nós pensamos em esporte, só pensamos na medalha de ouro. O Beбето tem toda a razão. Devemos pensar no começo do esporte a partir do momento em que se nasce. A sociedade latino-americana, principalmente a nossa, vive o esporte. Praticamos esporte, seja exercitando ou pela televisão, assistindo à Fórmula 1, ao boxe ou ao futebol. Nós vivemos esporte. Nossa vida é esporte. E o nosso conceito de esporte está equivocado.

Então, na minha concepção, um país de mais de 200 milhões de habitantes não pode, com a herança genética, com a mistura que tem, ganhar 17 a 19 medalhas nos Jogos Olímpicos. Não há lógica num conceito desses. Falta conhecimento de causa. Falta juntar as coisas.

Estou tendo uma experiência recente para somar a essa nossa discussão na Confederação Brasileira de Atletismo. Hoje há uma estrutura para se praticar atletismo para todos os lados neste País. Mas não temos recursos humanos.

Nessa experiência que a Soraya acabou de apresentar, da Academia Brasileira de Treinadores, já formamos 300 treinadores olímpicos. Beбето, esse



curso não é só do alto rendimento. São dois anos. No primeiro ano se estuda o desenvolvimento esportivo e no segundo ano se estuda a preparação de alto rendimento.

Interessante que lá estão diversos dos melhores treinadores que se vê na televisão. Quando levamos a discussão mais profunda para o conceito de esporte há dificuldade. Mesmo que todos tenham uma boa formação na universidade, eles têm dificuldade de conhecer o conceito de esporte. Então, hoje é uma necessidade no País. Nós temos direito, é um direito da nossa sociedade. Nós precisamos ter um núcleo para estudar e fomentar esportes.

Claro que esse núcleo não será criado longe de nenhuma base universitária, que já está pronta. Os conhecedores do assunto, os acadêmicos estão nas universidades. Mas nós precisaremos pesquisar com os atletas do esporte, quando falo em alto rendimento, e ter um canal para que se desenvolva o esporte na sociedade. Não dá para selecionar talentos em lugar nenhum se nós, primeiro, não oportunizarmos o talento no esporte.

Então, temos uma série de problemas a resolver. Eu sempre tenho falado que nos falta uma política séria de esportes. O Ministério do Esporte sozinho não tem condição de fazer uma política, porque, para falar de esporte, deve-se falar com o Ministério da Educação primeiro, onde as crianças começam; deve-se falar com o Ministério da Saúde, porque não há esportes sem saúde. Só depois o esporte.

Então, vai faltar competência para uma política de esporte caso se procure um Ministério sozinho, um fomento desse sozinho. Talvez isso possa ser discutido em um núcleo como esse de uma universidade do esporte. Começa-se aí para chegar a algo mais concreto lá na frente.

Alguns países já criaram a sua Universidade do Esporte há 115 anos, mais precisamente. Nós, 115 anos depois, estamos começando a discutir Universidade do Esporte.

Os nossos cursos de Educação Física são novos ainda, são recentes. Ainda carecemos de amadurecimento. A ciência do esporte começou a ser discutida no País a partir dos anos 80, com as primeiras especializações que começaram a acontecer.



Isso ainda está recente. Não sabemos bem por onde andar e como andar. Existem iniciativas isoladas. No Comitê Olímpico Brasileiro há a Academia Brasileira de Treinadores. A Universidade de Belo Horizonte tem um curso de Esporte. Uma universidade federal daqui ou dali tem outro curso. No entanto, não há unidade, não há terminologia e não há unicidade de conhecimento.

Precisamos realmente de um núcleo de esporte para não dividir mais, a fim de buscar as iniciativas existentes, discutir e criar um caminho. Pode ser que esse caminho seja discutido nos próximos 30 ou 40 anos. Mas está na hora de pensarmos no esporte como um todo neste País.

Eu só vim parabenizar. Não vou repetir nada. Acho que podemos contribuir um pouco, somado à estrutura e ao conhecimento do Comitê Olímpico. A Academia Brasileira de Treinadores já tem reconhecimento internacional.

Neste momento eu estou coordenando um curso de seleção de talento, na formação de profissionais nessa área, na Universidade Castelo Branco, do Rio de Janeiro; e na UNIP, de São Paulo. Tenho procurado me doar um pouco no estudo, mas percebo que pinguinhos estão ficando soltos no ar.

Vou encerrar dizendo que é emocionante vir a uma sessão plenária como essa. Eu achei que passaria minha carreira como professor e como acadêmico sem ver esse tipo de discussão.

Dediquei minha vida inteira ao esporte, desde meus 13 anos. Graças a Deus, no final, estou vendo isso, Bebeto. Não desista, acredite. Eu estou vendo um pinguinho. Acho que ainda vou conseguir ver uma universidade discutindo esporte na sociedade. A sociedade brasileira merece isso.

Vocês estão de parabéns. Quero me colocar à disposição para todo tipo de discussão em que eu puder ajudar, como professor, como profissional. Estou à disposição.

Parabéns! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Prof. Antônio Carlos Gomes.

Passo a palavra ao Sr. Fernando Vítor Lima.

O SR. FERNANDO VÍTOR LIMA - Boa tarde a todos.



Agradeço o convite do Deputado João Derly para participar desta reunião que pode ser um marco na discussão do esporte brasileiro.

Eu, como ex-atleta, ex-treinador e dirigente esportivo, só posso me sentir recompensado por estar na presença do Prof. Bebeto de Freitas, nosso ídolo no esporte, que nos representa muito bem; do Prof. Antônio Carlos Gomes, do Deputado João Derly, também atleta olímpico. Nós, que somos do esporte, os temos como ídolos. Também estou aqui como fã de vocês.

Vou falar um pouco da parte mais chata. Quando se discute a excelência no esporte, talvez muitas pessoas não saibam, afinal de contas, do que se trata.

É preciso pensar que não adianta só criar as políticas e dar acesso — concordo com o Prof. Antônio Carlos Gomes e faço minhas as palavras do Bebeto —, mas a população também tem que saber do que se trata a excelência. As pessoas fazem as políticas públicas de esporte de alto rendimento até para entenderem o que elas têm que apoiar. Há muitas pessoas que talvez não saibam o que é a ciência aplicada ao esporte.

Na UFMG nós temos tentado desenvolver a expertise nas ciências do esporte e no treinamento esportivo.

Então, buscando ser bastante breve, nós temos a pós-graduação em Ciências do Esporte, em Treinamento Esportivo, em que há: Fisiologia do Exercício; Análise Biomecânica do Movimento; Aquisição, Controle e Adaptação de Habilidades Motoras ao Longo da Vida; Metodologia do Treinamento Esportivo; Psicologia do Esporte e Neurociências Aplicadas ao Comportamento Humano. Essas áreas são muito importantes porque ajudam não só a entender essas linhas de pesquisa, como isso é pesquisado, na detecção da base, mas também no desenvolvimento daquelas etapas que a Soraya mostrou, até chegar ao alto rendimento.

Isso tem que ser estimulado através de iniciativas como essa, como a Universidade do Esporte, porque não é fácil chegar lá. Não é fácil, do ponto de vista de alcançar uma pessoa lá no Acre, achar um Carlão — não se acha um Carlão todo dia —, achar os treinadores que vão chegar lá, mas deve-se ter conhecimento para levar essas pessoas, e, fundamentalmente, fazer isso funcionar bem para o esporte, e não ficar preso dentro do laboratório científico somente. Deve ser aquela pesquisa



que ajuda efetivamente a desenvolver a prática esportiva, como vimos tentando fazer lá na UFMG.

Para se ter ideia, o Centro de Estudos em Cognição e Ação estuda processos cognitivos em tarefas como tomada de decisões táticas, realiza estudos com rastreamento ocular para verificar a tomada de decisão em situações táticas de jogo, iniciação esportiva. Isso vem sendo feito na UFMG junto ao handebol, ao futebol, ao futsal, ao voleibol, ao basquetebol, ao tênis e ao *badminton*. Ou seja, estuda-se como o atleta percebe situações técnicas e táticas de jogo e situações aplicadas de competição. Esse é um trabalho competente do Prof. Pablo Juan Greco. Talvez muitos aqui já tenham ouvido falar dele.

O Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora estuda fatores que influenciam a aquisição de habilidades motoras, funções sensório-motoras, variabilidade, adaptação motora. Ou seja, como as pessoas aprendem esporte e se desenvolvem para alcançar alto rendimento no esporte. E analisa, dessa forma, também o atleta de alto rendimento. Isso também vem sendo feito em diferentes modalidades esportivas.

O Laboratório de Biomecânica, que basicamente é uma das áreas que mais vem crescendo ultimamente nas ciências do esporte, realiza estudos biomecânicos, porque a biomecânica vem sofrendo impactos muito grandes do desenvolvimento tecnológico.

O desenvolvimento tecnológico para estudar o corpo humano em movimento vem se manifestando de maneira acentuada cada vez mais na biomecânica interna e mecânica externa. Então, toda a análise do desempenho humano, a análise da carga mecânica, o desenvolvimento de modelos mecânicos no corpo vêm sendo aplicados ao esporte. Em nossa escola até já fizemos com equinos. O estudo da marcha com cavalos já foi feito lá.

Então voleibol, futebol, tae-kwon-do, natação, basquetebol são esportes que vêm sendo beneficiados com estudos da biomecânica esportiva, junto ao Laboratório de Biomecânica da UFMG, que foi implantado pelo Prof. Dr. Hans Menzel.

O Laboratório de Carga vem sendo preponderante também, desenvolvido pelo Prof. Leszek Szmuchowski, da Polônia, muito amigo e parceiro do Prof.



Antônio Carlos Gomes. O Prof. Leszek foi um dos mentores do CTE, que o Prof. Gustavo apresentou, com o atletismo. Então, lá há desenvolvimento de tecnologia para testes físicos.

Ou seja, não adianta só desenvolver o atleta se não se consegue também mensurar o seu desempenho, realizando testes antes e depois, treinamento e competição. Dessa forma, é possível dar valores quantitativos que realmente mostrem se está sendo alcançado o desempenho, com provas. Ou seja, os números também devem ser colocados.

Também há análise de controle da sobrecarga ou da carga no treinamento esportivo e estudos sobre o planejamento da preparação física. Então, o Laboratório da Carga vem se empenhando muito no desenvolvimento de tecnologias para desenvolver o esporte. Por exemplo, a vibração mecânica vem sendo estudada como ferramenta para melhorar o desempenho esportivo. Isso vem sendo feito no futebol, judô, atletismo, ciclismo, triátlon, voleibol e windsurfe.

Quero deixar claro que não só pesquisas de mestrado e doutorado acontecem lá. Essas pesquisas de mestrado e doutorado muitas vezes são feitas com atletas, principalmente, devido à parceria com o CTE. Também existe o acompanhamento de atletas usando toda essa estrutura laboratorial. Então, isso é efetivamente feito.

Logicamente esse é um processo que vem crescendo ao longo dos anos, enfrentando todas as dificuldades que já foram apresentadas aqui pelos nossos colegas.

O Laboratório de Fisiologia do Exercício, o mais antigo da escola, o mais tradicional, implantado pelo Prof. Emerson Silami Garcia, estuda balanço hídrico durante exercícios físicos, o que tem a ver com estresse térmico. Ou seja, o atleta tem que competir em situações de muito calor e muito frio. Então, isso é estudado para melhorar a *performance* dos atletas.

Por exemplo, um atleta do Acre se muda e vai treinar no Rio Grande do Sul. Ele treinava com uma temperatura mínima de 35 graus e vai treinar com 0 grau. Assim, ele não vai render mais. Não é só o aspecto técnico e tático, não é só o treino, mas também a parte fisiológica, que é estudada para ajudar a melhorar o desempenho.



O grande salto hoje da fisiologia está sendo com relação às características genéticas. O Prof. Emerson Silami Garcia implantou isso por meio do futebol profissional. Isso vem sendo transferido para categorias de base, e muitas pesquisas vêm sendo feitas nessa direção.

É muito importante entender que os estudos em genética e biologia molecular no esporte representam um dos principais avanços hoje. Então, isso vem sendo investigado no Laboratório de Fisiologia do Exercício.

Muitos estudos relativos ao futebol foram realizados, nos aspectos imunológicos, metabolismo, também regulação e fadiga. Isso é essencial, porque hoje a demanda do atleta está cada dia maior no aspecto físico. O judô é um grande exemplo disso.

No passado a técnica preponderava. Atualmente o aspecto físico é muito importante também, tanto que se mudam as regras para não ficar só um esporte de força física. Mas nos esportes a demanda física tem aumentado muito.

Então, é muito importante estudar o organismo em termos de questões de fadiga, bem como regulação térmica, metabolismo, como vem sendo feito lá no Laboratório de Fisiologia do Exercício em diferentes modalidades esportivas também.

O Laboratório de Psicologia do Esporte foi criado pelo Dr. Dietmar Samulski. Talvez muitos de vocês conheçam o nosso falecido Prof. Dietmar Samulski.

E nós sabemos também que não adianta só a pessoa ser o mais alto, o mais rápido, o mais forte e o maior talento se a cabeça não funciona bem. Então, nós temos muitos exemplos no esporte de que o melhor atleta nem sempre ganha porque não é o atleta vencedor. O vencedor muitas vezes está aqui. *(Aponta para a cabeça.)*

Então, existem aspectos comportamentais, emocionais e sociais de atletas e, no laboratório de psicologia, também de árbitros, pois o árbitro pode decidir o jogo. Não é assim? Ele tem que estar com a cabeça boa também para não ser o responsável pela decisão do jogo.

Então, todos esses aspectos — cognitivos, perceptivos, tomada de decisão, liderança, comunicação, criatividade —, em atletas, treinadores e dirigentes, envolvem não só a detecção de talentos. É preciso entender esses aspectos no



jovem atleta em formação para que ele não se desenvolva de maneira inadequada até se tornar um atleta profissional. Lá em cima, no alto nível, nós imaginamos que entre os melhores atletas não há mais segredo técnico, que o altíssimo nível não tem segredo tático.

No voleibol, todas as seleções sabem tudo umas das outras, eles sabem tudo o que o outro joga. No judô, estuda-se cada movimento do atleta. E, muitas vezes, é a cabeça que está ali... Isso tem que ser exaustivamente estudado e desenvolvido.

Hoje, contamos com a presença do Prof. Marco Túlio de Mello — eu não sei quantos de vocês o conhecem —, que trabalha com a psicobiologia e estuda muito a questão do sono e a adaptação aos diferentes fusos horários. O professor esteve com as equipes olímpicas e paraolímpicas do Brasil nas Olimpíadas.

Ou seja, os ritmos biológicos hoje também podem definir as competições. O atleta treina só de tarde e de noite e vai competir de manhã cedo. Então, tudo isso interfere, e a delegação brasileira, no Rio de Janeiro, tanto olímpica, como paraolímpica, fez um trabalho direto e intenso junto a essas questões ligadas aos ritmos biológicos, inclusive com uma tecnologia já bastante avançada.

Isso ocorre em diferentes esportes — judô, tae-kwon-do, futebol, tênis, voleibol e no esporte paralímpico —, com bastante ênfase, lá em nossa intuição. E o laboratório de treinamento da musculação vem investigando os efeitos neurofisiológicos, metabólicos e biomecânicos, que nós chamamos de efeitos neuromecânicos, no treinamento de força na musculação. Hoje, praticamente inexistente uma preparação esportiva, e, sim, um treinamento de força na musculação.

Em algum momento da carreira o atleta vai praticar aquilo ali, e, infelizmente, a musculação faz parte de um campo de conhecimento — eu posso falar com mais propriedade porque coordeno esse laboratório — que todo mundo acha que conhece, e todos querem dar um palpite. Infelizmente, a coisa não é bem assim.

Então, lá é estudada essa questão e os aspectos de resposta do organismo ao ganho de força muscular: como a musculatura é ativada, como ela opera os diferentes segmentos corporais e os diferentes músculos para produzir o desempenho de força, com ênfase em algumas variáveis desse treinamento.

Há também, no curso de fisioterapia, um laboratório de prevenção e reabilitação de lesões, que procura trabalhar de maneira preventiva — é



fundamental atuar na prevenção — as altas demandas do treinamento esportivo desde jovem. Esse treinamento no jovem já demanda também aspectos preventivos.

Então, não é só chegar lá e colocar altas cargas ou altas sobrecargas. É importante também termos o aspecto preventivo quando vamos pensar nessas demandas, especialmente em atletas jovens.

Então, trabalhamos não só os aspectos preventivos como os aspectos de reabilitação dos atletas, que também é feito lá no LAPREV, com a avaliação biomecânica, através de um laboratório sofisticado, com sistema de câmeras tridimensionais, coordenado pelo Prof. Sergio Teixeira da Fonseca.

Eu vou terminar e agradecer, mas, antes, quero deixar mais um registro para vocês. Talvez, muitos não saibam, mas já existe um projeto preliminar — construído por um grupo de especialistas há algum tempo — para criar a universidade do esporte.

Um grupo de especialistas criou uma ideia, um projeto que visava a formação, em nível de pós-graduação *lato sensu*, *stricto sensu*, de profissionais para trabalhar com alto rendimento. Era a Universidade do Esporte do Governo Federal, que constava a formação de treinadores de alto rendimento, fisioterapeutas, nutricionistas e gestores, porém, em cursos de pós-graduação.

Esse é um projeto já existente e que está latente. Ele poderá ser aproveitado para que essa discussão já possa partir de um ponto jamais sistematizado antes. Esse é um projeto bastante complexo e muito bem elaborado por colegas nossos aqui da profissão de Educação Física.

Eu termino agradecendo pela participação. Também estou aberto a perguntas. Tentei ser o menos enfadonho possível quando se fala dessas questões científicas. Obrigado a todos. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sr. Fernando.

Passo a palavra ao Sr. Ricardo Vidal.

O SR. RICARDO VIDAL - Bom, boa tarde. Deputado João Derly, obrigado pelo convite. Sr. Lindberg, obrigado pela assessoria na nossa participação aqui.

Eu queria cumprimentar a todos na figura do Sr. Beбето de Freitas, que representa bem esse movimento, pois é atleta, treinador nacional, treinador



internacional, gestor de clube, gestor público. Então, ele é uma pessoa que, para nós, é uma referência.

Bom, a organização Atletas pelo Brasil começou em 2006. A nossa ideia, o nosso objetivo é contribuir na transformação do esporte para poder colaborar com a melhoria do Brasil. O nosso trabalho é defender as causas nacionais, e nós utilizamos a estratégia do *advocacy*, trabalhando muito fortemente inclusive aqui na Casa.

Nós somos bem a favor da ideia da criação da Universidade do Esporte, e nós vamos dividir a fala em três momentos. A primeira parte já foi muito abordada aqui pelo Comitê Olímpico do Brasil — COB, pelo professor Antonio Carlos, pelo Bebeto, na parte técnica.

Tecnicamente, de uma forma ou de outra, o Brasil acaba conseguindo maneiras de produzir resultados, seja na pesquisa científica, seja com os treinadores fazendo intercâmbio, seja com a melhoria do treinamento. O Brasil, de uma forma ou de outra, acaba melhorando essa história. Agora, nós estamos com um passo atrás, que é na construção das condições para que essa questão técnica seja desenvolvida pelo longo prazo.

O segundo ponto de abordagem é a questão da gestão e da governança. Foi abordado na apresentação do COB um dos aspectos do Instituto para trabalhar nesse sistema. Nós achamos que isso é fundamental. Por quê? Até o início dos anos 2000, no Brasil, havia um discurso muito forte de que faltava dinheiro no esporte. Depois veio a questão da Loteria.

O Sr. José Cruz, jornalista aqui presente, acabou mostrando que esse argumento não se sustentava mais porque existia recurso para o esporte. Segundo o Tribunal de Contas da União — TCU, mais de 90% do recurso do esporte no Brasil é público. Então não estava faltando mais a questão do recurso. Faltava outro passo que é a questão da gestão. E aí nós da organização Atletas pelo Brasil entendemos que deveríamos mexer nessa situação mais fortemente.

Entramos então junto com vários parceiros, mexendo na Lei Pelé e na legislação, no art. 18 e 18-A. Trouxemos três novidades, que foram: participação dos atletas no processo decisório das entidades que recebiam dinheiro público, maior



transparência e divulgação dos balanços e a eleição e só mais uma reeleição dos presidentes e dos seus dirigentes das entidades.

A organização Atletas pelo Brasil não trabalha sozinha, trabalha sempre em parceria. Junto com os empresários agora, nós temos mais de 26 empresas, com empresários que entendem que o ambiente esportivo mais bem estruturado gera confiança. Portanto, há condições de aportar mais recurso.

Foi criado o Pacto pelo Esporte, que vai sair agora, vai ser lançado em fevereiro do próximo ano. Esse pacto é da iniciativa privada, o empresário está colocando recurso dentro desse projeto, dentro do esporte, dizendo que, se o ambiente estiver melhor, vai haver mais investimento privado.

Vou mostrar apenas um dado que praticamente todo mundo conhece. Nos Estados Unidos, não existe dinheiro público no Comitê Olímpico, no esporte de alto rendimento. É tudo dinheiro privado. No Brasil, nós não temos isso, e essa relação é bem diferente.

Na Universidade do Esporte, nós entendemos que, além dessa parte de alto rendimento — e aí nós vamos junto com a fala muito forte do Beбето, com a fala muito forte do Antonio Carlos —, deve haver matéria, curso, mestrado e doutorado, *stricto sensu* e *lato sensu*. Deve haver conhecimento de como nós, sociedade brasileira, nós, do esporte, entendemos a regra do jogo para transformar a condição de trabalho perene.

Meu pai trouxe o Atletismo para Brasília, em 1965. Em 2012, quando ainda estava vivo, assim que apareceram os atletas indo para o Crystal Palace, meu pai comentou: *“Isso não é justo”*. Eu falei: Mas, pai, por que não é justo? É um lugar tão bacana. E ele falou: *“Não é justo porque eles vão ficar no Crystal Palace num período de tempo muito pequenininho, mas o resultado cobrado deles será pelo tempo em que eles ficaram no Crystal Palace, e isso não é justo”*.

O que nós, sociedade brasileira, o que nós, da organização Atletas pelo Brasil e que atuamos nisso, entendemos é que essa condição de Crystal Palace tem que perdurar durante o ciclo olímpico, os ciclos olímpicos. Então, isso não pode ser por um pequeno momento. Tem que ser pelos 4 anos, 8 anos, 12 anos, 16 anos, 20 anos.



Na criação da Universidade do Esporte, voltando, nós somos muito favoráveis a que isso aconteça, mas que não fique limitado aos estudos técnicos. Esperamos que também haja a condição de entender qual é a regra do jogo, como nós do esporte conseguiremos chegar à educação e convencer a educação de que é muito bacana fazer. Nós temos que aprender a convencer a saúde de que fazer atividade física é muito bacana.

Há um caso bem dramático na Austrália. Lá havia um problema de saúde pública nos anos 20 e 30 do século passado, e eles tinham algumas opções: dar remédio para a população, jogar a população dentro d'água, dentre outras. Fizemos a opção de jogar todo mundo dentro d'água e fazer o tratamento de saúde pública através da prática da atividade física da Natação.

Coincidentemente — o que não é coincidência, é uma decorrência — a Austrália tem sempre a Natação produzindo atletas e mexendo no quadro de medalhas. Inclusive, apareceu no vídeo do COB um treinador que era medalhista olímpico australiano.

Dentro do princípio constitucional do art. 217, todo brasileiro tem direito à prática esportiva. Então, já chegando ao final da fala, nós, da organização Atletas pelo Brasil, entendemos que, na Universidade do Esporte, nós temos que ter o conhecimento para disponibilizar principalmente para quem é do esporte, a atletas, pós-atletas, médicos, fisioterapeutas que são do esporte.

Dessa forma, poderemos ocupar esse espaço e criar condições para entender como funciona a regra do jogo aqui nesta Casa, para garantir que a legislação saia de acordo com o que ao esporte interessa, para saber como é que nós fazemos para mexer no Orçamento Federal, já que o esporte, hoje, ainda é muito fortemente influenciado pelo Orçamento Federal, pelo Governo. Como é que nós fazemos para poder entender esse jogo geral e criar condições para que a parte técnica tenha a tranquilidade de trabalhar perenemente, e não que a cada renovação de convênio se tenha sempre um susto, que nunca se sabe se vai acontecer ou não.

Foi relatada aqui uma iniciativa de um projeto que teve começo, meio e fim e acabou não dando o resultado necessário. O Joaquim Cruz fala que a NCAA, que cuida dos esportes universitários, tem cento e poucos anos, como o Sr. Antônio



Carlos também falou. Precisamos dessa perenidade, e essa perenidade não é só na parte técnica. Ela é parte de gestão e, principalmente de governança.

Nós, do esporte temos que aprender essa regra anterior de como fazer para jogar isso, de como convencer os Deputados a se tornarem, todos eles, um João Derly. Eu fiquei muito feliz, Deputado, em saber que V.Exa. está fazendo atletismo agora, porque essa corrida ida e volta... Eu fiquei muito feliz.

Era isso que nós tínhamos a contribuir, e estamos aí para continuar o debate. Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Ricardo. Só para comentar, na minha iniciação no meu esporte nós não tínhamos preparador físico, nós não tínhamos estrutura. Chegou uma fase na vida em que eu precisava de preparação física, e eu fazia com o pessoal do atletismo. Eu fazia a base com eles e gostava muito.

Eu vou até contar uma história, que não foge do assunto: eu fazia a preparação com saltadores, tanto com vara, como em distância e em altura. São provas técnicas. E nós tínhamos tanto o homem como a mulher nº 1 do Brasil, na época, e eles colocaram o sarrafo lá no topo, colocaram um trampolim e ficaram brincando. Eu, nesta minha altura toda, achei que podia também passar por cima do sarrafo. (*Risos.*) Eu pulei e, quando vi que não ia vencer, tentei ir reto e dei com o nariz no sarrafo. Quebrei o nariz, o nariz ficou “desse” tamanho. (*Risos.*) Não acontecia no judô, acontecia no atletismo.

Passo a palavra ao Sr. Lucio Rogério.

O SR. LUCIO ROGÉRIO - Boa tarde a todos. Primeiramente, quero dizer que é bem complicado para nós, que militamos aqui na Casa, não cometermos tietagens, especialmente quando temos todos os dias o Deputado João Derly, pelo que ele fez no judô. Ele vem se mostrando um Parlamentar com quem nos dá prazer conviver, sério e com posturas sempre na defesa do esporte. Também Bebeto de Freitas, Ricardo Vidal, Soraya, são pessoas que, no convívio do torcedor Lúcio Rogério, são extremamente importantes para o nosso Brasil. E aí encontramos também o Prof. Antônio Carlos, um baluarte da educação física já, no nosso País, com todo o reconhecimento, de todos os colegas.



Mas a missão é falar um pouquinho aqui. O Presidente Jorge Steinhilber pediu para eu trazer essas informações, primeiramente para agradecer e parabenizar o que está sendo feito no COB com o Instituto Olímpico Brasileiro, pela Soraya e pelo Antônio. Realmente é um projeto que tem dado resultados.

As pessoas que estão participando, que passam por lá, saem todas, 100%, elogiando muito e se dizendo realmente melhor preparadas a partir da participação no Instituto Olímpico Brasileiro.

Não é à toa que o Sistema CONFEF/CREF — o conselheiro Marino lá de Santa Catarina pediu para lembrar — tem um convênio assinado, e valem como pós-graduação os cursos de pós-graduação profissional reconhecidos pelo conselho profissional, feitos lá no Instituto.

Nossa fala precisa começar pelo que falou o nosso Bebeto de Freitas: na questão do atendimento das nossas crianças e do esporte como base. Como ampliar isso?

Nós temos um País que tem ainda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação dizendo que qualquer pessoa ministra o conteúdo de educação física nas séries iniciais. Então nós temos, no 5º ano do ensino fundamental, mais de milhares de crianças e jovens analfabetos motores. Eles não recebem atividade física, não recebem educação física, não têm acesso à experimentação motora nas séries iniciais, no jardim de infância e nos 4 primeiros anos do ensino fundamental, e, a partir do 5º ano, a escola tem que resolver. A partir do 5º ano o professor tem que recuperar todo esse atraso e aí com todas as dificuldades que vivemos.

A Câmara fez o dever de casa. A Câmara aprovou um projeto de lei e mandou para o Senado. O Senador Lindbergh Farias recebeu esse projeto na Comissão de Educação, aprovou o projeto, levou ao Plenário, e aí, infelizmente... Eu vou pedir aqui — não é nada especial, nada específico — ajuda à Sra. Cleunice, porque o Ministério da Educação parou o projeto de lei no Plenário do Senado. Há 3 anos o projeto está parado lá, porque o País diz que não tem dinheiro para contratar professores para as séries iniciais, que essa é uma demanda dos Municípios, uma série de balelas. Aqui foi dito hoje, e é verdade, que dinheiro existe. Falta gestão, falta seriedade no atendimento.



Se as nossas crianças chegassem ao 5º ano com todo o atendimento e experimentação motora que a educação física deveria dar desde o jardim de infância até o 4º ano, poderíamos trabalhar o esporte e o acirramento do esporte — na escola também, inclusive — com muito mais excelência. Nós teríamos, ao final do ensino médio, cidadãos com conhecimento de causa da importância da atividade física, cidadãos empoderados por esse conhecimento.

A partir do empoderamento do conhecimento da importância da atividade física, da atividade esportiva, esse cidadão poderia optar por praticar mais esportes, ter mais saúde e, dentro disso, com certeza, no que é o nosso País — continental —, nós teríamos muitos atletas de ponta, nós teríamos muita qualidade no que poderíamos conquistar em quaisquer jogos, nacionais ou internacionais, Olimpíadas.

Portanto, na base temos esta questão. Mas, para falar do que o Deputado João Derly trouxe aqui, que é a discussão da universidade do esporte, o conselho profissional, preocupado com toda essa necessidade de estar nas bases da universidade — o que, me parece que foi dito aqui por todos, é a intenção —, o Sistema CONFEF/CREF, é plenamente apoiador dessa ideia e quer parabenizá-los.

O Presidente Jorge pediu para lembrar o Deputado João Derly da estada dele em Foz do Iguaçu este ano, quando participou de uma série de discussões com profissionais de educação física, num evento internacional de educação física, com o Brasil sendo ponta, na América do Sul, no que vem se propondo a fazer.

A intenção do Sistema CONFEF/CREF é apoiar a iniciativa, estar junto, acrescentar preocupações que precisam ser vistas. Se a atuação vai se dar na escola, que base o MEC vai nos permitir na universidade, se é a formação em licenciatura, ou se é a formação em bacharel, se a atuação na escola só pode ser por licenciatura, essas são decisões do Estado. O Governo, o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação fizeram a definição das resoluções que determinam a formação em educação física em atividades físicas e atividades esportivas.

Então, nós precisamos que o MEC nos auxilie bastante nessa discussão. O conselho profissional insiste em dizer que é parceiro, acredita no projeto, sonha também com um país onde o esporte tenha a excelência que pode ter, a partir do que temos aqui de exemplos.



Mas são exemplos que conquistaram como minoria. Nós poderíamos ter muito mais cidadãos qualificados e classificados para exercer a função do esporte de alto rendimento, mas especialmente para ser um cidadão mis bem preparado. A universidade do esporte pode contribuir para isso, seguindo toda essa base de formação que está prevista no Ministério da Educação. Era isso.

Obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Lúcio.

Nós estamos finalizando a apresentação dos nossos convidados. Nós vamos abrir também ao plenário. Acho que nós temos um reinício dessa discussão. É importante frisar que não foi uma ideia que surgiu agora.

Eu me lembro de que, quando eu me elegi Deputado, a primeira agenda que eu fiz em ministério foi no MEC, com o Secretário Executivo da época, para discutir, saber um pouco mais, pegar informações sobre a universidade do esporte, que era a ideia do legado olímpico.

O Secretário falou que essa ideia tinha morrido, tinha se perdido. Nós tivemos a ideia de reacender essa discussão, de hoje retomar esse assunto.

Foi muito bom esse início, com as falas de Bebeto e agora também com a de todos concordando e somando-se à fala inicial. Eu acho que também podemos dar as mãos e fazer essa luta.

Ricardo, quando o senhor fala do pacto pelo esporte, eu acho que nós temos que dar as mãos nessas questões: garantir a obrigatoriedade da educação física nas escolas para o melhor desenvolvimento motor de nossas crianças, nossos jovens, para lá na frente colher os frutos. E os frutos não só resultados no esporte, mas, sim, o esporte para toda a vida. Acho que isso é fundamental para fortalecer uma cultura esportiva no País. Então, isso também pode fazer parte do pacto de esporte.

Chegando à questão da universidade do esporte, está bem claro que não vai ser um caminho fácil, rápido, mas é uma ideia que nós podemos levar, sim, à frente. Isso foi muito bem exposto também pelo Prof. Antônio Carlos, que tem uma sabedoria, uma habilidade para conduzir e contextualizar. Eu acho que foi importante.

Unir a prática com o conhecimento e também com o material humano, acho que ficou um pouquinho restrito. Seria importante ouvir os sucessos que têm outros



países, como a China, a Alemanha, onde a universidade do esporte não é centralizada e está em diversos locais para o desenvolvimento do esporte. Ela atua não só na questão do ensino, do conhecimento, da graduação, mas também unindo o desenvolvimento da prática esportiva — como no caso do Comitê, que tem feito um belo trabalho.

Aí eu concordo que o Comitê Olímpico deve, sim, lidar com as questões do alto rendimento — eu acho que essa é a atribuição do Comitê Olímpico — e também, como a China, atuar não na iniciação, mas no segundo momento, no pós. Existe a iniciação e às vezes a lacuna está sempre nessa parte, que é o desenvolvimento. Alguns partem para o alto rendimento ou não, fazendo uma prática esportiva, desenvolvendo-se e adquirindo os valores nobres através da prática esportiva. Acho que é um belo caminho. Acho que nos dá um norte aqui.

Vou abrir daqui a pouco ao Plenário. Antes vou ler algumas perguntas para estendermos um pouco mais o debate.

Pergunta de Laercio Elias Pereira, Presidente do Centro Esportivo Virtual. “*A universidade do esporte deve fazer parte do sistema de ensino superior estabelecido no Brasil, integrando-se a uma universidade ou a uma proposta dos membros da Mesa é de ser um sistema paralelo?*” É uma boa pergunta. Acho que pode anotar quem quiser depois falar sobre esse tema. Após as outras falas, nós podemos responder.

Cássia Damiani, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “*Importante essa retomada do projeto da universidade do esporte, que foi elaborado pelo Ministério do Esporte e o MEC, em 2014 e 2015, como legado científico e tecnológico dos Jogos Rio 2016. Qual será a natureza jurídica?*” Isso aqui é embrionário. Nós não temos ainda a certeza. “*Haverá associação com outras universidades?*” Com certeza. “*Qual será a sua peculiaridade, sendo o espaço sui generis?*”

Alexandre Drigo: “*A universidade brasileira, no que tange ao esporte, tem um déficit quando comparado com o investimento em saúde. Nesse sentido, não seria interessante o equilíbrio entre os investimentos para atingir melhores resultados em relação à pesquisa e formação?*”



Tiago Coimbra, Professor: *“Por que não alterar a formação em educação física atual, passando para 3 ou 4 anos de disciplina base — anatomia, fisiologia, biomecânica e assim por diante — e 1 ou 2 anos com ênfase em treinamento físico esportivo, recreativo, hospitalar, técnico-tático, modalidades coletivas, modalidades individuais?”*

Sebastião Gobbi: *“Que diferencial teria um curso de Educação Física na universidade do esporte para desenvolver competência para orientar preparações físicas — técnica e tática — em esportes e também coordenar equipe de profissionais — médico, nutricionista, psicólogo etc — e propiciar desenvolvimento humano?”*

Dessas perguntas que nós tínhamos pelo e-Democracia nenhuma foi direcionada a determinada pessoa. Então, nós vamos abrir primeiramente as outras falas. Quem puder anotar, vamos retomar aqui a discussão.

Pergunto se alguém que não utilizou a palavra ainda deseja utilizá-la.
(Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Já que não há ninguém se manifestando, então vou iniciar pelo Bebeto de Freitas, seguido do Sr. Fernando e do Sr. Antônio.

O SR. PAULO ROBERTO DE FREITAS - Eu achei muito interessante a pergunta sobre se seria uma continuidade da Universidade ou alguma coisa paralela. Um pouco da minha experiência demonstra que o paralelo seria no sentido de que o esporte não pode ser encarado como nós o encaramos aqui no Brasil, como um jogo ou como uma pontuação, um tempo do atletismo. O esporte não depende, por incrível que pareça, só de esportistas.

Nós que tivemos uma experiência grande fora do Brasil — não gosto de repetir isso, mas com o voleibol viajei o mundo inteiro e morei fora do Brasil — vemos que há graves problemas nas nossas instalações esportivas, que têm equipamentos esportivos, sem o menor sentido para o esporte, construídos por arquitetos que nunca viram esporte na vida. Nós temos administradores com capacidade de gestão de grandes empresas que não têm a menor noção do esporte, e isso, obviamente, é necessário dentro do esporte para o desenvolvimento até mesmo do atleta que quer se tornar um dia administrador.



Eu falo da engenharia, eu falo da psicologia, eu falo da tecnologia, pois tudo isso faz parte, e, por isso, a indústria do esporte é uma das mais importantes hoje no mundo. Nós temos, desde 1981, um crescimento, em média, de 3% ao ano. Os países desenvolvidos despendem com investimentos — não somente públicos — dentro do esporte até 4% do PIB. Imagino o que representa um valor desses para um país como os Estados Unidos. Nós, aqui no Brasil, na última vez em que eu estudei isso, não chegávamos a 1%. Eu não sei como está agora. Se alguém tem alguma...

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Beбето, posso dar uma... Estamos tentando implantar no Ministério do Esporte a Câmara Técnica da Indústria do Esporte, porque não há estudos claros sobre a força que impera o esporte no PIB brasileiro. Há suposições. Então, há uma suposição de que chegava ali perto de 1%.

O SR. PAULO ROBERTO DE FREITAS - Era 0,8% na última vez. Eu não quero afirmar, do ponto de vista da correção desse valor, mas foi o valor apresentado em uma das palestras de que eu participei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Se retomarmos a Câmara Técnica, acho que vai ajudar muito na construção, porque o universo esportivo é muito maior do que imaginamos. Imaginamos medalhas. Olhamos o esporte, e a nossa ótica é sempre o resultado, mas aí há toda a questão de engenharia, de construção, de desenvolvimento tecnológico, de material esportivo, de turismo, enfim, de uma infinidade de coisas envolvidas no esporte. Então, acho que a questão na câmara técnica vai nos ajudar muito nessa discussão.

E nós não aproveitamos isso. Nós tivemos um evento de jogos olímpicos no País e não conseguimos vender o nosso produto aos outros países. Nós não conseguimos fazer negócio com os outros países. Isso é muito grave, muito ruim.

Nós temos, no BRICS, a Índia tocando o assunto esportivo, e o Brasil não participa dessa discussão da câmara técnica referente ao esporte. Então, eu acho que essa questão é muito importante, e precisamos analisá-la.

(Não identificado) - Principalmente num país como o nosso, em que a necessidade de emprego e trabalho é imperiosa. Eu aqui citei alguns profissionais, mas, na indústria do esporte, certamente outros profissionais de outras áreas têm colaborações fantásticas a respeito disso.



Nós falamos da tecnologia do material esportivo. Eu lembro, quando jogava, que o tênis mais importante, que todo mundo queria ter, era o Tiger, pois a solinha dele parecia a de um chinquinho. Nós pulávamos 80 centímetros, 90 centímetros, na época em que se pulava. Imaginem o que isso não representaria no joelho. Hoje, você vê o tênis superprotegido, preparado para isso com um sistema de tecnologia.

Então, tudo isso faz parte da indústria do esporte, e o Brasil, em nenhum momento, se aproveitou dessa indústria. O Brasil se aproveitou do esporte. E essa, talvez, tanto quanto a questão da educação...

Outra coisa que eu aprendi é que a atividade física é a única coisa que quanto mais cedo, melhor, e antes tarde do que nunca.

Então, nós vivemos no País hoje uma epidemia de obesidade. Nós vivemos no País hoje uma epidemia de diabetes, cada vez mais cedo, do ponto de vista da idade, e nós sabemos que o esporte, ou melhor, nós sabemos que a atividade física é o melhor remédio para isso.

Então, são essas as questões. Por isso, eu acredito que há alguma coisa paralela, mas, sem, obviamente, perder o nível e o foco, sempre encarando essa universidade como um caminho para uma indústria. Eu acho que um país como o nosso, com um raciocínio e um foco do que pode representar um número de possibilidades no mercado de trabalho, é sem limite, sem limite, Deputado.

Eu fico pensando no seu esporte, que nós acompanhávamos e gostávamos de ver. Eu vi a luta do Ishii, em 1972, nos Jogos Olímpicos de Munique. Imaginem aquilo. Eu não tinha a menor noção. Enquanto os caras vibravam, eu estava parado. Só quando terminou a luta é que eu vi que ele tinha ganho a medalha.

Existem muitos aqui nesta sala que talvez não saibam ver outros esportes. É isso, sem tirar nem pôr. Então, por que existe o arremessador de martelo? Qual movimento ele faz? Por que ele faz aquele arremesso de peso? Enfim, são questões que podem certamente ser certificadas pelo Prof. Antônio.

Quando Adhemar Ferreira da Silva bateu o recorde, foi ser campeão olímpico. Dá medo de ver a sapatilha dele, dá medo de querer botar a sapatilha. A camisa — isto é famoso, esta é uma história importante —, a camisa da seleção brasileira, da Copa do Mundo de 58, de futebol, aquela nossa de Gilmar, De Sordi, Bellini, Nilton Santos e aquela turma todinha, a camisa, suada, era uma loucura. Eu cansei de



jogar e, chegando ao quinto set, ter que torcer a minha camisa, porque ela pesava. Então, é uma indústria que nós não aproveitamos. Elas correm separadas do esporte no Brasil, considerando o esporte uma indústria. Nós não podemos estar fora da engenharia, não podemos estar fora da arquitetura, não podemos estar fora da economia, da medicina, não podemos estar fora da tecnologia. O foco numa universidade que seja agregar todas essas forças em benefício de uma indústria, eu acho que esse é o pensamento que nós deveríamos ter.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Bebeto.

Concedo a palavra ao próximo inscrito, Fernando. *(Pausa.)*

Em seguida, falarão Antônio, Ricardo e Soraya.

O SR. FERNANDO VITOR LIMA - Sobre a questão se a universidade do esporte seria uma entidade paralela, seja o conceito que for dado, o entendimento que já existe do documento anterior é que a universidade do esporte não vai formar professores de educação física, nem fisioterapeutas. Ela vai pegar esses profissionais e capacitá-los para trabalhar com o esporte de alto rendimento, ou seja, professores de educação física serão capacitados através dessa universidade para se tornarem cada vez melhores treinadores de alto nível em determinadas modalidades. Da mesma forma, fisioterapeutas, que se capacitarão para trabalhar com atleta de alto rendimento, assim como nutricionistas e gestores, porque é diferente a gestão do esporte de base, que é captar e formar atletas, do esporte de alto nível, que é gerenciar equipes de alto rendimento. Então, uma ideia já existente é essa. Ela não é paralela ao sistema universitário já existente. Não é isso. Ela não quer ser formadora de profissionais, de profissões já reconhecidas. A ideia é capacitar os profissionais já existentes e preencher uma lacuna que não é função da universidade. O curso de educação física não tem a função de formar treinador de alto nível, assim como o curso de medicina não forma o neurocirurgião de alto nível.

Então, a universidade do esporte é para isso. A ideia é essa.

Em segundo lugar vem a questão da gestão. Uma universidade desse nível, não vai conseguir ter permanentemente no seu quadro de docentes um vínculo igual ao de uma universidade já existente. Na UFMG, por exemplo, os professores são concursados, dedicação exclusiva, e trabalham ali. Essa universidade talvez não tivesse condições para isso. Por quê? Porque seriam — eu vou colocar aqui uma



palavra um pouco mais popular — as melhores cabeças pensantes da formação de recursos humanos para o esporte de alto nível do Brasil. Elas é que trabalhariam nessa universidade. Essas pessoas não poderiam ter dedicação exclusiva e trabalhar permanentemente nessa instituição. Elas trabalhariam prestando serviços, ministrando disciplinas, conduzindo os trabalhos e seriam contratadas para isso, através, talvez, de uma Organização Social — OS, de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público — OSCIP, ou de alguma coisa nesse sentido. Seria uma entidade que não seria como uma universidade federal.

Eu estava conversando com o Professor Antônio Carlos Gomes antes que esse nosso entendimento tradicional de universidade, às vezes, bloqueia usarmos essa palavra, e nos bloqueia a pensarmos na formação de profissionais com nível universitário ou com nível de pós-graduação, seja como for. É como se essa universidade formasse pós-graduados para o esporte de alto rendimento.

Então, seria uma instituição jurídica, uma atuação dentro da formação de profissionais do Brasil, que não é nem paralela, nem igual à já existente. Ela seria como se fosse complementar, ou o nome que quisermos dar. Mas, quando usamos a palavra universidade não é para reproduzir o sistema universitário já existente no Brasil. Esse é um bloqueio que nós temos muitas vezes ao lidarmos com a capacitação de profissionais no País. É necessário sairmos um pouco desse casulo, no nosso caso aqui, pensando no esporte.

Conforme o Bebeto falou, inteligência nós já temos muita, ela está precisando ser reunida, dando sequência, talvez, ao que já é feito lá na Academia de Treinadores, que já é feito lá dessa forma, essa inteligência já está disponível lá, esse trabalho é feito lá, e, graças a Deus, nós temos esse trabalho que está sendo feito. Agora, a organização não é a de uma universidade convencional. A ideia não seria essa. Eu não sei se eu consegui ser claro aqui.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. FERNANDO VÍTOR LIMA - Eu não sei se paralelo. Eu acho que seria junto, porque as paralelas não se encontram. Essa vai se encontrar com a universidade, digamos assim. Eu não quero que elas se encontrem no infinito, mas agora.



Para fechar, uma provocação. Olha só, talvez muitos de vocês aqui não saibam — eu vim discutir universidade do esporte, basicamente isso —, mas quando se coloca o que o Beбето falou, que o nosso colega do conselho falou, é preciso que muitos de vocês saibam que o esporte, muitas vezes, distanciou-se da escola, e uma parte da culpa é da própria educação física, uma parte da culpa é de muitos profissionais da educação física. Quem aqui é profissional, sabe do que eu estou falando. Então, nem na própria educação física existe esse trabalho uníssono, porque muitas vezes a própria educação física, internamente, trabalhou para que o esporte saísse da escola. Essa é uma longa história. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Fernando.

Com a palavra o Sr. Antônio.

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES – Prof. Fernando, você foi extraordinário na sua fala.

Eu só quero complementar algo, porque ele colocou a ideia.

Vejam bem. Como entendemos esse processo, nessa pergunta tão inteligente feita pelo professor? Quer dizer, é um processo integrado com o que existe ou ele é paralelo? Está se criando outro filho para poder gerir? Então, a ideia realmente é outra, e o Professor Fernando foi muito feliz em colocá-la.

Nós entendemos o seguinte: vivendo esse mundo da universidade e, ao mesmo tempo, estando no campo do esporte de rendimento, percebemos, ao longo desses anos, que a universidade não dá conta de especializar o profissional que nós precisamos, e nem é isso mesmo. O objetivo dela é, na minha maneira de entender, num primeiro momento, a cultura universitária. Ela precisa estudar a sociedade, estudar a cultura da sociedade, estudar o comportamento dessa sociedade, a antropologia, políticas públicas, etc. Ela precisa dar a formação para esse ser humano ser um gestor, um crítico, ser avançado e transformador. Ponto. Se a universidade resolver dar mais um passo, falando na nossa área, o próximo passo que ela vai dar é estudar ciências biológicas da nossa área, ou seja, estudar o corpo humano, como é que funciona esse corpo humano, como é que ele se movimenta. É a biomecânica, é a bioquímica, é a fisiologia. E acabou a universidade, ela cumpriu o papel dela. Ela formou um agente que pensa, que transforma, que sabe trabalhar



com a sociedade, e que tem conhecimentos básicos sobre o desenvolvimento biológico do corpo humano.

A especificidade esporte — e aí eu falo de esporte em diversas manifestações — eu acho que a universidade não tem como cumprir. Então, seria algo que viria integrar-se com a universidade, um instituto do esporte, essa Universidade do Esporte que deve estar, realmente, junto das organizações esportivas do País — Comitê Olímpico, federações, confederações, clubes. Essa universidade é que vai oportunizar ao indivíduo com uma formação acadêmica de alto nível vir se especializar em esporte de alto rendimento.

Então, é um processo integrado. Por isso, falei desde o início, da minha maneira, que precisamos integrar mais entidades, não é só o Ministério do Esporte, não é só o Ministério da Educação, não é só Ministério da Saúde. Mas as instituições de ensino estão prontas. O que nós estamos precisando é a ponta, o final da coisa. A hora em que o indivíduo escolher e disser: “*Eu vou trabalhar com esporte*”, o que fazer com ele?

Então, acho que a fala do Prof. Fernando foi muito boa. Só entrei para me somar a essa ideia aí. Não é um processo eminentemente isolado, ele corre ao lado, junto, e, ao mesmo tempo é um processo que vai dar oportunidade ao cara de se especializar.

Essa é a ideia que a gente tem para iniciar a discussão sobre a Universidade do Esporte.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Prof. Fernando, eu já lhe passo a palavra. Deixe-me só concluir com o pessoal, depois retomamos com o senhor. O.k.?

Passo a palavra ao Sr. Ricardo Vidal

O SR. RICARDO VIDAL - Eu queria enfatizar, voltar à mesma tecla: das perguntas que apareceram, nenhuma delas veio na parte anterior, ou seja, na questão da gestão, veio sempre na parte do desenvolvimento, não é?

O professor bateu muito fortemente na intensidade da preparação do treinador. E aí, professor, eu bato muito fortemente na intensidade da preparação do gestor, para que o ambiente seja um ambiente de constância.



Ambiente de constância. Aqui, em Brasília, o UniCEUB tinha um time de basquete, foi tricampeão brasileiro e não faltaram treinador, fisioterapeuta, médico. Essa parte não faltou. Mas o time acabou. O que foi que faltou? Faltou gestão.

Conversando com o Joaquim, Prof. Antônio Carlos, soube que lá na Califórnia, em março, abril e maio, nesses 3 meses há mais de 200 competições de atletismo. Então, se você faz uma preparação para este ano, para o ano que vem, para daqui a 10 anos, você sabe que na última semana de março, na universidade "x", ou no colégio "x", ou no clube "x" vai haver uma competição com essas características. Você tem uma condição de planejar com muita tranquilidade.

É esse movimento de constância, eu acho que a Universidade do Esporte, pelo negócio esporte... Você vê que na NBA, na divisão dos atletas que estão chegando, não vão todos para o mesmo clube, para a mesma franquia. O negócio é cuidado para que seja um grande entretenimento. E hoje é *business*. É nesse sentido que eu acho que a Universidade do Esporte pode trazer esse complemento para que o negócio esporte, o ambiente esporte seja melhor organizado.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Ricardo.

Passo a palavra à Soraya; depois, à Cleunice; em seguida, ao Prof. Fernando.

A SRA. SORAYA IIDA DE CARVALHO - Com relação à primeira pergunta, do Prof. Laercio, sobre sistema de universidades inseridas dentro da Universidade do Esporte, acho que o Prof. Antônio Carlos já falou, o Fernando também. E eu concordo com eles. Acho que o sistema de universidades, sim, precisa estar totalmente inserido dentro desse processo. Mas a gente precisa discutir ainda bastante o esporte, a cultura esportiva, muito como o Prof. Antônio Carlos falou na sua exposição inicial. Eu acho que a Universidade do Esporte pode trabalhar como uma promotora dessa discussão e construir um alinhamento desses conceitos, ou seja, quais seriam as possibilidades dessas universidades e quais seriam as possibilidades da Universidade do Esporte. E aí potencializar de modo que as universidades — que é um poderio, e tem em uma quantidade enorme — sejam utilizadas como um braço apoiador da Universidade do Esporte. Mas antes, a gente



precisa dar um alinhamento e unir esforços nesse sentido, para todo mundo trabalhar na mesma direção.

A última pergunta é sobre qual seria a diferença entre as universidades e a Universidade do Esporte. Existem algumas diferenças, mas, na minha opinião, um dos papéis fundamentais dessa Universidade do Esporte é resolver os problemas do esporte de alto rendimento. Então, quando falamos em cursos, em pesquisas, precisamos sempre olhar o que o esporte de alto rendimento está necessitando, que problemas ele está vivenciando.

Um exemplo disso é o que acontece em um instituto de esportes da Austrália: quando um profissional de esporte quer fazer um mestrado ou um doutorado, para conseguir esse direito de estudar ele tem que conversar com o *head couch* da modalidade A ou B, entender que problemas ele está vivenciando. E aí, sim, o tema daquela tese, daquela dissertação vai ser resolvida dentro desse instituto. Então, a gente começa a resolver esses problemas pontuais, reais e concretos e não desperdiçar, às vezes, esforço intelectual com pesquisas que não resolvem de fato o problema de quem está lá na ponta: o treinador.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Soraya.

Concedo a palavra à próxima inscrita, Cleunice.

A SRA. CLEUNICE MATOS REHEM - Eu estava me situando, Deputado, naquilo que está no requerimento. Acho que seria importante voltar ao que está dito ali como objetivo dessa proposta de criação da universidade. O objetivo que está posto é: que a universidade se volte para o desenvolvimento de pesquisas e formação de profissionais para o fomento do esporte de alto rendimento no Brasil. Isso é o que está posto como objetivo para essa universidade no requerimento feito pelo nobre Deputado.

Então, eu acho que diante dos debates, das questões aqui surgidas há possibilidades de buscar algumas convergências. Acho que esse é um trabalho posterior desta mesa-redonda. E, quem sabe, se isso de fato prosperar, evoluir, podemos buscar um formato jurídico inovador para a conformação dessa instituição de que o Brasil provavelmente precisa.

Eu sugiro que se possa pensar também num formato que o Brasil criou há uns 10 anos destinado, sobretudo, à melhoria e a melhor oportunidade de formação



de professores para a Educação Básica, que é o instituto da Universidade Aberta do Brasil. Logicamente, esse instituto do qual estou falando é o instituto jurídico. Esse mecanismo da Universidade Aberta do Brasil foi criado há uns 10 anos. Hoje isso é gerido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, com todo o apoio do Ministério da Educação.

Eu sugiro pensar num formato similar àquele, até para tentar atender a um dos chamados aqui fortes do Sr. Bebeto, o que me chamou muita atenção, no sentido de que se possa massificar a formação pelo esporte. Não foi isso, professor? *(Pausa.)* Para mim, todo mundo é professor quando se está assim num debate voltado para a educação. *(Riso.)*

Então, espero que se possa pensar num formato inovador para essa iniciativa. Não sei se uma universidade num formato tradicional atenderia a isso, até porque a universidade, como o próprio nome diz, em si já impulsiona para pensar numa diversidade enorme de possibilidades de cursos.

Essa seria uma universidade com um recorte para uma subárea do conhecimento. Nem seria uma área toda de conhecimento. Então, talvez por isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB permita que sejam criadas universidades para recortes de conhecimento, como se fosse talvez uma exceção para o conceito universal de universidade.

Eu sugeriria que se pudesse começar a pensar em formatos inovadores e que se pudesse, quem sabe, mirar nessa experiência já existente da Universidade Aberta do Brasil, não exatamente como ela é, mas se inspirar ali e pensar numa universidade aberta do esporte, por que não?

Eu sugeriria que essa proposta de universidade pudesse ter uma centralidade física em algum local e que pudesse ter braços nas demais universidades deste País, não apenas nas federais, mas também nas públicas estaduais. Por que não? Assim, nós atenderíamos àquele chamado do Sr. Bebeto de massificar a formação.

Esses braços poderiam estar próximos da educação básica, das escolas de educação básica. Eles poderiam incentivar, estruturar, apoiar e ajudar para que as escolas de educação básica fizessem aquilo que o Sr. Lúcio reivindicou, ou seja, para que, na educação básica, tanto nas séries iniciais quanto nas demais séries,



isso estivesse altamente qualificado para a formação e as oportunidades dessas crianças e desses jovens.

O esporte de alto rendimento não vai conseguir de uma hora para outra de lá da base. Ele começa lá na escola de Educação Infantil. Por que não nas séries iniciais e nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, para depois então se ter a oportunidade dos aperfeiçoamentos até chegar ao alto rendimento?

O convite que eu faço aqui é para que se pense em formatos mais inovadores e não no formato mais tradicional de universidade. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado pela contribuição.

Concedo a palavra ao professor Fernando.

O Sr. Lúcio vai utilizar o tempo depois? *(Pausa.)* Um pouquinho.

O SR. FERNANDO VÍTOR LIMA - Em relação à questão da estrutura, o que já tinha sido pensado é que se usariam as estruturas das Olimpíadas, a Arena Carioca 2, que tem todas as condições. Isso é o que já foi pensado.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. FERNANDO VÍTOR LIMA - Mas estou falando assim porque já há toda uma estrutura lá para o esporte de alto rendimento, que tem um custo muito grande de manutenção e que precisa continuar se justificando para o fim para o qual ele foi criado, que é um esporte de alto rendimento. Isso não o impede de fazer em outro local. Então, a ideia inicial seria lá, porque já há tudo pronto. No Brasil, nós ficamos com medo de as coisas se perderem com o tempo. Então, já há toda a estrutura.

Eu vou até um pouco mais além, quando falam da formação básica. Eu sou uma pessoa que defende... Neste País hoje, temos várias questões de permitir cotas para as pessoas participarem de muitas coisas. Eu não tenho nenhuma dúvida de que, nos cursos de Educação Física, deveria haver cotas para ex-atletas profissionais. Eles tinham que ter vagas garantidas no curso de Educação Física.

Os ex-atletas profissionais de alto rendimento deveriam ter cota no curso de Educação Física. Eu não tenho nenhuma dúvida disso. Esse poderia ser um projeto a ser pensado mais a frente também, porque essas pessoas, sim, já vieram do esporte, entendem, estão ali dentro. Elas vão ter vontade de trabalhar com esporte.

Hoje também, nos cursos de Educação Física, o *fitness* engoliu o esporte. O Brasil hoje é o segundo País do mundo em número de academias. Ele não é o



segundo em retenção em academias, não, mas é o segundo no número de academias. Então, o *fitness* engoliu o esporte também nos cursos de Educação Física. Mesmo eu trabalhando muito com *fitness* hoje, tem que ficar claro isso.

Eu acho que o ex-atleta profissional de alto nível ter o acesso facilitado ao curso de Educação Física já é um passo bacana. Essa pessoa tem muito mais vontade de chegar a uma escola e trabalhar com esporte. O perfil do estudante de Educação Física hoje está cada vez mais distante do esporte. Nós vemos claramente isso nas escolas.

Nos cursos de Educação Física, escuto muitos amigos meus falando a mesma coisa, ou seja, o perfil mudou de quando eu fui estudante, talvez de quando muitos dos senhores foram estudantes. Então, há um problema lá embaixo e se deveria pensar nesse aspecto também, quando ela mencionou aqui.

Estão vendo como vai longe o problema para se chegar ao alto rendimento? Mas acho que a Universidade do Esporte tem que pegar a experiência da academia de treinadores e tem que dar sequência a essa ideia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Concedo a palavra ao Sr. Lúcio.

O SR. LÚCIO ROGÉRIO - Na verdade, é uma complementação. O professor Fernando Lima citou inclusive o Sr. Emerson Silami, nosso grande mestre.

Nada impede esse trabalho invertido. Às vezes, a universidade, focando no alto rendimento, vai preparar uma gama de profissionais que não trabalharão só no alto rendimento. Então também isso serve para frear um pouquinho o preconceito que nós acabamos trazendo: “*Não, o alto rendimento...*”

Quando falamos da questão das crianças na escola, é porque o Brasil é cheio de demandas. Nós temos muitas dificuldades, da educação à segurança, da saúde às questões mínimas de formação de caráter. Em toda essa situação, quando tratamos do esporte, os projetos pontuais são de excelência.

Todo mundo que teve experiência no esporte tem sempre muito mais experiências positivas do que negativas. Pessoas declaram que vão pensando em medalha e saem formadas como as cidadãs que nunca pensaram que poderiam se tornar. Então, tudo isso tem que estar claro.



A nossa intenção de participar e de defender, com a ideia do Deputado de resgatar a Universidade do Esporte, é focada em aperfeiçoar essa quantidade de profissionais que nós temos, como fisioterapeutas, nutricionistas, engenheiros, arquitetos.

Realmente é gritante. O Bebeto citou a quantidade de quadras em que há problemas físicos para poder implementar isso dentro das escolas é justamente porque esse profissional nunca pensou no que é aquilo que ele vai construir.

Por outro lado, há décadas que o sistema CONFEF-CREFs tenta conversar e construir algum projeto, Fernando Lima falou agora, que favorecesse os ex-atletas na formação, não só em Educação Física, mas em Fisioterapia, em Engenharia, em Arquitetura, porque se nós pudéssemos aproveitar o conhecimento prático do atleta, a vida plena que ele teve naquele esporte, e ele ainda ter uma complementação profissional, onde ele vai aplicar aquele conhecimento, o Brasil pode chegar a excelências ainda maiores.

Eu precisava só complementar isso e agradecer a Deus pela oportunidade que a Comissão está dando a nós de estarmos aqui presentes, o que é muito interessante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Lucio.

Aqui, está gostoso o papo, temos uma turma boa, para uma discussão saudável.

Eu acho que uma das coisas importantes aqui é conseguirmos reunir o esporte de alto rendimento com o meio acadêmico, que muitas vezes acabam se distanciando. Eu acho que a aproximação é fundamental e importante. Eu falo porque tenho experiência própria, muitas vezes, no meio acadêmico... eu já fiz teste físico na UFMG, já fiz exames com o Professor (*ininteligível*). Eu estava com medo de errar o nome.

Existe uma distância com o meio acadêmico, muitas vezes, os próprios treinadores recebiam até um resultado de exames, mas não sabiam ler esses exames para colocar no treinamento, eu acho que é importante conseguirmos unificar isso, ajudaria muito até para o prolongamento da carreira do atleta. Isso é importante e fundamental.



Chegou mais uma pergunta aqui no finalzinho. Vamos ler a pergunta do Tom Silva: “No momento atual de crise financeira, que aponta uma redução significativa do orçamento do Ministério do Esporte, qual seria a previsão e a alocação orçamentárias para a efetivação da referida proposta?”

O Professor Antônio tem a palavra.

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES - Eu acho que pensar nisso agora não dá, é completamente inviável. Nós estamos tentando pensar num conceito para estruturar uma instituição para discutirmos esporte no País, ainda não temos essa dimensão.

Temos uma sugestão, Deputado, é uma discussão que começou lá atrás, já existe algo discutido, já existe algo no papel, seria interessante resgatarmos tudo isso para ganharmos com a discussão que os colegas já tiveram no passado e somarmos em cima do documento que já existe, amadurecê-lo e modernizá-lo.

Esse negócio de dotação orçamentária é coisa para discutirmos no futuro, quando nós tivermos pelo menos a ideia de como é que funcionaria uma instituição como essa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Muito bem, Professor.

Sobre o material do passado, eu tentei coletá-lo para chegar um pouquinho melhor e apresentar algo que já foi discutido, mas não conseguimos achá-lo, infelizmente, ainda.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O Fernando tem? Então, nós já temos aí algo para estudar. *(Riso.)*

(Não identificado) - A apresentação dele do Power Point..

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Maravilhoso. Vamos repassar a todos os membros da Comissão e a todos que estiveram presentes aqui em nossa discussão para podermos nos afinar mais adiante.

Alguém gostaria de fazer alguma saudação?

O SR. GUSTAVO PEREIRA CÔRTEZ - Eu só gostaria de agradecer a participação da Cássia, que fez parte da comissão e mandou a pergunta. Eu acho que é importante enaltecer esse papel da comissão, como foi falado pelo Fernando. O nosso Prof. Marco Túlio também fez parte dessa comissão.



Realmente, é fundamental observamos o trabalho — que eu também li —, para que possamos partir de algo que já tenha sido muito discutido nessa relação das universidades com o esporte de alto rendimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Quem quiser fazer as saudações finais pode ficar à vontade.

O SR. RICARDO VIDAL - Eu queria agradecer a oportunidade, mas estou com a curiosidade de saber se o Lindberg teria condições de fazer um breve relato sobre a sua experiência na China, na Universidade do Esporte. Isso enriqueceria um pouco mais o debate.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O Lindberg não gosta muito de falar. Ele gosta mais de ficar nos bastidores, mas hoje vai ter que falar. *(Riso.)*

O SR. RICARDO VIDAL - Eu só aposto que tinha muito aluno lá. O resto eu não sei.

O SR. LINDBERG AZIZ CURY JÚNIOR - Muito bem, Ricardo.

Eu agradeço a oportunidade ao Deputado João Derly. Nós já conversamos bastante sobre esse assunto.

A comitiva da Comissão, em novembro de 2015, fez uma visita a Beijing e a Shanghai. Estou recapitulando a viagem aqui na cabeça. Nós, primeiro, visitamos a Universidade de Esportes de Beijing.

Lembro que a comitiva foi formada pelo Presidente da Comissão à época, o Deputado Márcio Marinho, os Deputados José Rocha, Cleber Verde, Flávia Morais e Evandro Roman. Então, a delegação era formada por cinco Deputados.

O que eu resumiria das duas universidades, das duas visitas? Primeiro, naqueles ambientes você encontrava a produção acadêmica e o treinamento esportivo.

Na Universidade de Beijing, por exemplo, você via uma série de escolas com determinadas faculdades. Então, você tinha faculdade de economia, de administração, enfim, de educação física, de fisioterapia, com diversas disciplinas, e, dentro do *campus*, a área de treinamento.

A China tem 14 universidades espalhadas pelo país, e nós visitamos essas duas, a de Pequim e a de Shanghai. Então, havia núcleos de treinamentos específicos em cada universidade. A de Beijing, por exemplo, tinha uma equipe



especializada na prova de 110 metros com barreiras. Eles estavam treinando *indoor*, fazendo os treinos técnicos educativos. E, lá mesmo, em outro ambiente, você tinha a equipe de ginástica rítmica e a equipe de ginástica olímpica. Além disso, havia também a equipe de trapézio, que é uma especialidade característica dos chineses.

Essa é a primeira característica: você tem um ambiente de treinamento em conjunto com um ambiente de aprendizado. Boa parte dos treinadores que estavam orientando os alunos eram formados dentro da própria universidade. O ambiente de Xangai era parecido, em termos acadêmicos, mas lá havia o Núcleo de Especialização de Tênis de Mesa. Havia uma área no campus especializada, com cinco andares, e três desses andares tinham dezenas de mesas para tênis de mesa. As competições regionais, nacionais aconteciam lá.

Ao falarmos de um país como a China, que tem dimensões continentais, vejo muitas similaridades com o Brasil. Foi aquilo que o Beбето falou, de não podermos ter apenas um foco — é preciso que haja uma diversificação de regiões, que haja capilaridade e que possamos construir um conceito não apenas de uma Universidade do Esporte. Estamos falando aqui talvez no sentido abstrato. Que ela seja espalhada em núcleos e que cada região atenda às particularidades em termos do conteúdo a ser ensinado em cada uma das disciplinas e das áreas de treinamento a serem instaladas em cada um desses núcleos.

Em resumo, é isso. São essas duas características fortes que posso trazer da vivência do modelo chinês, na Universidade do Esporte.

O SR. BEBETO DE FREITAS - Para terminar a minha parte, há UM fato curioso da China que vale a pena falar e depois gostaria de encerrar.

Eu era técnico da seleção italiana e nós fomos jogar uma partida muito importante da World League em Xangai. Saímos para o jogo, que era decisivo, tanto para a Itália quanto para a China, e chegamos a um complexo esportivo que tinha um “maracanãzinho” e um ginásio. Pensei: “*vamos jogar no maracanãzinho*”. Era um jogo importante. Era um “maracanãzão”, quase, era enorme o local. O do lado também era grande, deveria ter 6 mil, 8 mil lugares.

Estávamos no ônibus, achando que iríamos jogar no grande, mas o ônibus passou e parou no outro. Fiquei curioso para saber por quê. Entramos no ginásio



para jogar. Era um local muito bom, lotado, mas fiquei curioso em relação ao outro. Entrei nele e lá só havia tênis de mesa. Dava medo de ver a quantidade de mesas, a quantidade de gente e de bolas dentro do ginásio. Era um ginásio para tênis de mesa.

Quando você falou disso, eu me lembrei. Nunca me esqueci disso. Foi uma coisa que eu quis ver. Disseram que o outro estava ocupado. Pensei "*Ocupado? Nós vamos ter um jogo importante contra a China*". Fui ver a ocupação e havia um mar de mesas, coisa impressionante e que me impressiona até hoje.

Deputado, eu acho que a sua participação, principalmente por V.Exa. ter vivenciado uma grande parte do esporte bucólico brasileiro e ter chegado onde chegou — sinto que também fiz parte disso.

Eu aprendi a ser técnico do voleibol. Eu me formei muito cedo, com 23 anos, comecei a trabalhar. Era atleta da Seleção Brasileira. Devo ser hoje, no Brasil, um dos poucos técnicos que obtiveram vitórias em todas as categorias. Onde se aprende o esporte, onde se aprende a desenvolver o esporte? Eu aprendi a desenvolver o esporte justamente na dificuldade de ensinar quem não sabia.

Esse é um ponto decisivo e importante. Eu acho que a participação de V.Exa. para recuperar — o professor Fernando foi tão enfático em relação à Universidade do Esporte —, eu acho que é fundamental, é um farol no fim do túnel. O nosso esporte vive um momento tenebroso, um momento de nuvens muito negras e uma discussão desta, para o velhinho aqui, já com cinquenta e tantos anos no esporte, é uma coisa que vale a pena.

Estou muito contente por ter vindo. Grande abraço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Beбето. Concedo a palavra à Sra. Cleunice.

A SR^a CLEUNICE MATOS REHEM - Quero saudar todos e agradecer por esse convite para a participação. Sugiro, Deputado, que a Comissão, se não o fez ainda, faça um estudo sobre as principais universidades do esporte no mundo, aprofunde esse assunto.

Foi dito aqui que a Universidade do Esporte da Alemanha funciona em núcleos distintos, isso deve ser um formato diferenciado. A Universidade do Esporte da Rússia, falaram aqui dela e de outros países que tenham êxito nesse tipo de



iniciativa. Seria muito importante analisar isso porque, com exemplos concretos, fica mais fácil o convencimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Mais alguém gostaria de falar?
(Pausa.)

O Lindemberg localizou as fotos da visita.

O SR. LINDEMBERG - Nossa equipe da Comissão é muito eficiente. Enquanto falávamos, já resgatamos a apresentação que foi feita.

Este é o ambiente de uma das áreas do campus, o núcleo especializado em atletismo. *Indoor*. O fotógrafo, no caso, fui eu e não fui tão bom assim. Minha câmera à época não era tão boa, mas pelo menos dá pra ter uma ideia.

Aqui, uma sala de musculação. Esta é a área de treinamento de ginástica. Soraya, não sei se é artística, rítmica... (Pausa.)

A SR^a SORAYA IIDA DE CARVALHO - Artística.

O SR. LINDEMBERG - Artística, não é?
Esta é a ginástica de trampolim. (Pausa.)

(Risos.)

A dança faz parte. Vemos que não é simplesmente o alto rendimento, há outras modalidades, e a dança é uma das que você mais vê sendo praticada nas ruas da China pela população.

Aqui é a área de lutas. Boxe de um lado e, aqui do outro lado, lutas em geral, não me lembro quais eram, especificamente.

Aqui é o estádio olímpico. Vou passando aqui para vermos a parte de Xangai.

Isso aqui era um parque aquático onde foram realizados os Jogos. Virou legado olímpico.

Universidade de Xangai. Núcleos, o campus da Universidade, com as disciplinas. Lembro-me que na Universidade de Xangai havia cursos de Educação Física, Relações Exteriores, Economia, Administração, Cinesiologia, uma série de cursos dentro do programa, com algumas disciplinas ligadas ao esporte.

Eram cinco andares, não sei se consigo resgatar uma foto.

Esses são os campos de futebol ligados à iniciação esportiva. Alunos das escolas poderiam treinar. Este era um treinamento de futebol, estavam dando tiros na diagonal.



Lamento. Não tirei uma foto que retratasse... Imagine que tínhamos, em um andar daqueles, 50, 60 mesas de tênis de mesa em cada um dos andares.

O SR. RICARDO VIDAL - Eu queria saber se algum dos participantes, algum dos presentes tem ideia de como funciona a alfabetização motora, seja na China, na Rússia, como eles tratam essa questão da alfabetização motora?

O SR. ANTÔNIO CARLOS GOMES - Temos, mas essa é uma conversa mais longa. Gostosa, mas daqui a 50 minutos sai o voo. Eu queria ver só os próximos passos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Vamos tentar uma videoconferência. Vamos deixar para o ano que vem, que este praticamente já se encerrou e não será viável. Vamos ver se ano que vem conseguiremos fazer uma videoconferência com os representantes chineses, alemães, acho que vai facilitar irmos mais fundo na discussão.

Finalizamos os debates. Antes de encerrar os trabalhos, quero agradecer a presença de todos, todos os convidados, em especial.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada esta mesa redonda. Muito obrigado. (*Palmas.*)